

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT

CURSO DE PEDAGOGIA

ADRIANA MADALENA BENEDITA APARECIDA DA SILVA

CAPOEIRA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO

ATIBAIA-SP

2018

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT

CURSO DE PEDAGOGIA

ADRIANA MADALENA BENEDITA APARECIDA DA SILVA

CAPOEIRA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário UNIFAAT, sob a orientação do Prof. Dr. Gilvan Elias Pereira.

ATIBAIA-SP

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

ADRIANA MADALENA BENEDITA APARECIDA DA SILVA

Título: “CAPOEIRA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO”

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação de Pedagogia, para apreciação do professor orientador Gilvan Elias Pereira que após sua análise considerou o Trabalho _____, com Conceito _____.

Atibaia, SP, _____ de _____ de 2018.

Prof. Dr. Gilvan Elias Pereira

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para três grandes pessoas da minha vida:

Minha mãe: Terezinha Simão, que é minha base, meu alicerce, minha guerreira. Mulher de garra, lutadora que mesmo nos momentos difíceis com a perda de seus filhos, se manteve forte e firme com sua fé inabalável.

Ao meu pai: Bernardino da Silva, meu herói que lutou até o fim de sua batalha e que mesmo lá do céu, sei que olha por mim e me dá força para continuar meu caminho.

Ao meu irmão Esmael José Benedito da Silva, aquele que de certa forma, direta ou indiretamente, me apresentou a capoeira e que junto de nosso Pai, deve estar muito feliz e orgulhoso pelas minhas conquistas e por continuar um legado que ele amava de todo coração.

Finalizo com o refrão de uma música da qual compus na capoeira, que demonstra o significado de acordar a cada dia e lutar por meus ideais, afinal, este trabalho dedico a minha coragem de vir do nada e com muito esforço, conquistar meus sonhos.

“Meu camarada venha cá vou lhe dizer;

Que a vida é boa, mas pra quem sabe viver;

Já apanhei e com rasteira fui pro chão;

Me levantei e fiz dos erros uma lição”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, o grande autor da minha vida, que renova minha fé e esperança a cada dia, que me deu força nos momentos mais difíceis pelos quais passei e que me guia pelas estradas afora.

Agradeço a minha família que lutou junto comigo, me deu apoio e me ajudou de todas as maneiras possíveis e impossíveis para que eu realizasse meu sonho, deixando, assim, a mais profunda gratidão.

Aos meus colegas de classe deixo meus cumprimentos por estes três anos que passamos juntos e que possamos sair deste curso, realizados e com propósitos semelhantes de poder trabalhar por uma educação de qualidade, levando nossos conhecimentos por toda parte, onde quer que o destino nos leve. Quem sabe, nós nos encontremos pelos corredores escolares ou faremos parcerias em muitos projetos.

Aos amigos queridos e jamais esquecidos deixo meu mais profundo agradecimento, em especial para Nathalie Rosa Avelar, a amiga irmã que a pedagogia me deu ao se transformar em minha parceira, companheira de risos, choros e angústias, sendo aquela que muitas vezes me deu conforto com sua alegria, conselhos e lutou minhas lutas. Também deixo minha gratidão à Andreia Aparecida Pereira, amiga e vizinha que socorreu minha família por todas as vezes que se fez necessário. Finalmente, ao meu Mestre de capoeira Miguel Barbosa Carneiro, mais conhecido por Contramestre Vampiro, uma pessoa de coração grandioso que apoiou minhas escolhas, entendeu minhas ausências nos treinos e eventos dos quais fui solicitada e me encorajou nos momentos em que pensava em desistir.

Ao meu orientador Prof. Dr. Gilvan Elias Pereira, que me ajudou no desenvolvimento dessa monografia, muito obrigada.

Por fim, como diz Augusto Branco: “Obrigado a todas as pessoas que contribuíram para meu sucesso e para meu crescimento como pessoa. Sou o resultado da confiança e da força de cada um de você”.

*“Nenhuma mente que se abre a uma nova ideia,
voltará a ter o tamanho original. ”*

(Albert Einstein)

RESUMO

O tema abordado por este trabalho é a Capoeira como recurso pedagógico na educação, sendo que o objetivo principal das reflexões é mostrar em um primeiro âmbito, como a prática da capoeira na educação colabora para o desenvolvimento psicomotor, musicalidade, afetividade e socialização das crianças e, em segunda instância, apresentar como a capoeira trabalha na quebra de preconceitos étnicos raciais, podendo promover a conscientização das pessoas para as questões que envolvem a diversidade cultural. O trabalho foi estruturado em três capítulos, sendo o primeiro discutindo aspectos da diversidade cultural, visto que não há como falar de capoeira sem mencionar as múltiplas culturas existentes em nosso meio, principalmente quando o foco é o ambiente escolar, onde as diferenças estão enraizadas. O segundo capítulo discute a capoeira desde seu surgimento, aos seus conceitos estabelecidos. O terceiro capítulo aborda a capoeira no espaço escolar, dando respaldo à sua inserção na Educação como parte do currículo ou trabalhada de forma informal, em contra turno escolares no espaço educacional. As considerações finais concluem a importância dessa prática na Educação, evidenciando seu valor histórico e contribuições no processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Diversidade cultural; educação; capoeira.

ABSTRACT

This present study analyses capoeira as a pedagogical resource in education, and the main goal of this analysis is: firstly, the way that capoeira practice cooperates to psychomotor development, musicality, affectivity, and children's socialization. Secondly, presenting how capoeira helps to break down ethnic social prejudice by promoting awareness about cultural diversity. This study has been organized in three chapters, the first one discusses aspects of the cultural diversity, since it is impossible to talk about capoeira without mentioning the multiple cultures in our society, mainly in a school environment, where the differences are ingrained. The second chapter shows from the origin of capoeira to the established concepts. The third chapter focuses capoeira in a school environment in order to include it as part of a school curriculum or as an extra-curricular activity in an educational space. In conclusion, capoeira practice is very important in education because it has a huge historical value and contributes in the process of teaching and learning.

Keywords: cultural diversity, education, capoeira.

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	
1 EDUCAÇÃO NA DIVERSIDADE CULTURAL	13
1.1 Definição de educação e diversidade cultural	13
1.2 A importância de trabalhar com a diversidade na educação	16
1.3 Desafios que o professor enfrenta para trabalhar com a diversidade no âmbito escolar.....	22
1.3.1 Reconhecer nossas identidades culturais	23
1.3.2 Desvelar o daltonismo cultural presente no cotidiano escolar	24
1.3.3 Identificar nossas representações dos “outros”	25
1.3.4 Conceber a prática pedagógica como um processo de negociação cultural	26
1.3.4.1 Evidenciar a ancoragem histórico-social dos conteúdos	26
1.3.4.2 Conceber a escola como espaço de crítica e produção cultural	27
CAPÍTULO II	
2 CONTEXTO HISTÓRICO DA CAPOEIRA	30
2.1 Surgimento da capoeira	30
2.2 O que é a capoeira	39
2.3 Desdobramentos da capoeira: Angola e Regional	42
2.3.1 Capoeira de Angola	42
2.3.2 Capoeira Regional	44
2.4 A musicalidade e os instrumentos utilizados na capoeira	45
2.5 Batizado de capoeira	49
CAPÍTULO III	
3 CAPOEIRA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO	52
3.1 Capoeira institucionalizada	52

3.2 Influências pedagógicas da capoeira no processo de ensino aprendizagem	54
3.3 Benefícios da capoeira na educação	55
3.4 Método usado para trabalhar com a capoeira	61
3.4.1 Atividades lúdicas aplicadas no ensino da capoeira	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o tema da Capoeira como recurso pedagógico na educação, destacando algumas contribuições que a mesma pode oferecer ao processo de ensino aprendizagem. A análise enfoca aspectos históricos, questões relacionadas ao movimento e situações de desenvolvimento pessoal e profissional que podem beneficiar o praticante dessa arte. Envolto a tudo isso, há uma preocupação constante de se mostrar a importância do trabalho escolar envolvendo a prática da capoeira, suas contribuições relacionadas ao sistema de aquisição do conhecimento, assim como os métodos que podem ser utilizados para se trabalhar a capoeira no âmbito educacional.

O objetivo principal das reflexões é mostrar, de um lado, como a prática da capoeira na educação colabora para o desenvolvimento psicomotor, musicalidade, afetividade e socialização das crianças e, de outro, como a capoeira trabalha na quebra de preconceitos étnico racial, promovendo a conscientização das pessoas para as questões que envolvem a diversidade cultural.

Partindo da minha experiência como praticante dessa cultura e aluna com graduação de Monitora da qual me encontro, observo a potência e riqueza de colaborações que a capoeira traz para a vida humana como disciplina, respeito, ideologia contrária ao preconceito, o ritmo, suas vertentes, sua origem e musicalidade, além de cooperar com o físico, dentre muitos outros aspectos. Esse esporte, lazer, cultura, dança, luta, jogo e filosofia de vida, desenvolve nas crianças um senso crítico da realidade, o certo e o errado, proporcionando maior interesse e instigando-as a vivenciar e participar de cada momento das atividades realizada nas aulas.

Nesta perspectiva, Darido e Rangel (2005, p.278) enfatizam que: “[...] a origem dessa manifestação pode ser incluída pelos professores de Educação Física na escola, propiciando aos alunos os conhecimentos, as vivências e a aquisição de valores referentes à diversidade cultural”.

Segundo Areias (1983), a capoeira é muito mais que isso, ela contempla a manifestação e expressão de um povo que foi em busca de sua sobrevivência, lutando pela liberdade e dignidade da qual lhes era de direito.

Esse tema é, portanto, de suma importância na agregação de valores e culturas raízes vindas de um povo que sofreu incansavelmente em busca de sua liberdade.

De acordo com Areias (1983) para um melhor entendimento a respeito da capoeira é preciso que conheçamos sua origem, evolução e como a mesma se desenvolveu, pois, é a partir de tais princípios é que encontraremos os primeiros passos dessa luta/dança, da qual sofreu perseguição de poderosos, ressaltando as variadas formas indispensáveis para que se mantivesse sua preservação.

Embora suspeita para falar do assunto, primeiro porque esta arte entre muitas definições, faz parte da minha vida tanto pessoal quanto profissional, e outra porque foi através dela que me encantei em ensinar crianças devido um projeto social da qual dei aula durante um ano; onde desenvolvi atividades no eixo de cultura e esporte, mais especificamente capoeira, trabalhando com crianças, jovens e adultos, porém na qual me sobressaí com os pequenos. Esta experiência foi a responsável por me trazer onde estou hoje, estudando em uma área da qual tive provas concretas que é minha ideal profissão. Por meio deste, trouxe a debates o porquê da capoeira ainda ser tão marginalizada, sendo que a mesma contribui no processo de ensino aprendizagem e na construção do próprio eu da criança.

Nessa linha de pensamento, Campos (2001, p.23) ressalta que: “A capoeira é uma excelente atividade física e de uma riqueza sem precedentes para ajudar na formação integral do aluno. Ela atua de maneira direta e indireta sobre todos os aspectos cognitivo, afetivo e motor [...]”.

Este trabalho também visa uma discussão sobre a diversidade cultural, um tema bastante fluente na sociedade, mesmo porque as diferenças existem e acabam sendo motivo de discriminação no meio social, por isso é ressaltado a importância de resgatar dentro do espaço educacional a valorização que variadas culturas transmitem para a humanidade, para que assim os alunos possam reconhecer “a existência de diversos grupos culturais, com manifestações específicas, que sejam capazes de perceber influências – sociais, culturais e étnicas, presentes no cotidiano” (BARREIROS e MORGADO, 2002, p.97).

Desta forma, as crianças aprendem desde cedo que cada pessoa é diferente da outra por diversas razões: classe social, raça, religião, costumes, entre outros, mas que nem por isso deixam de ser e existir no mundo, sendo essencial a conscientização de todos para a quebra do preconceito.

As relações culturais não são relações idílicas, não são relações românticas, elas estão construídas na história e, portanto, estão atravessadas por questões de poder, por relações fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos (CANDAU, 2013, p.23).

A capoeira é o componente de uma cultura que já foi muito marginalizada e até teve sua prática proibida, porém sobreviveu a tudo e todos e em 2008, a mesma foi registrada como bem cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sendo reconhecida em 2014 como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, título este que deve ajudar a preservar a prática não só no Brasil, mas no mundo.

A mesma expõe a diversidade, ensinando os alunos a conviver e respeitar as diferenças, indo além do desenvolvimento físico. No entanto, ao trabalhar com a coordenação motora da criança, é importante começar desde cedo já que esta é uma fase relevante, pois a mesma desenvolve flexibilidade, confiança no próprio corpo evitando quedas e segurança ao caminhar ou fazer algo que lhe exija condicionamento físico, além de ser vista como uma forma de comunicação. Desse modo Columá e Chaves (2017, p.33) salientam:

[...] o movimento não atende somente a uma exigência mecanicista, ele é linguagem por excelência. Percebemos isso de forma muito clara quando observamos a comunicação com o mundo da criança que ainda não desenvolveu a linguagem verbal.

Acrescenta-se neste conteúdo da qual a coordenação motora é fundamental para o crescimento do aluno, uma indagação a respeito da psicomotricidade na educação, que em suma, tem valor incontestável para o envolvimento da criança nas tarefas, visto que é nesta fase que se dará o conhecimento de mundo em que o tocar, sentir, pular, correr, fazer, se expressar, está presente com grande frequência no cotidiano escolar, e a capoeira por se tratar do esporte mais completo que existe, colabora principalmente na formação do indivíduo como um ser crítico e reflexivo com tendência para melhores comportamentos.

Columá e Chaves (2017, p.33) ressaltam:

[...] Ao praticar a capoeira não se aprende somente o gesto técnico característico dos diferentes movimentos; entra-se em contato (de forma intencional ou não!) com o acervo histórico e cultural que a constitui, envolvendo ainda as dimensões emocionais, afetivas e relacionais inerentes à expressão desse movimento.

A fim de organizar as ideias, deixando-as mais claras para entendimento, aplicando-lhe uma sequência de conceitos da qual um assunto conseqüentemente complementa o outro, este trabalho foi estruturado em três capítulos.

O capítulo I aborda a questão da educação na diversidade cultural que mostra sua definição do que é educação e o que vem a ser diversidade cultural, visando essa mistura em sala de aula, que se encontra presente na sociedade e enraizada no ambiente educacional. Além de discutir a importância de trabalhar esse assunto na escola, onde a educação se vê primordial e indispensável na formação do ser humano, também exhibe alguns dos desafios que o professor enfrenta para trabalhar com este tema no âmbito escolar, enfatizando principalmente as diferenças que encontramos em nosso meio, e que precisam ser vistas de forma mais humanizada prevalecendo acima de tudo o respeito ao próximo e aos hábitos e costumes dos mesmos.

O capítulo II ressalta o contexto histórico da capoeira, desde seu surgimento, sua definição, as suas vertentes divididas em Capoeira de Angola e Capoeira Regional, salientando a musicalidade e os instrumentos utilizados que dão energia e alegria que contagia esta arte. No mesmo, ainda consta um dos rituais da capoeira, que é o batizado, momento dos mais esperados pelos alunos e até mesmo pelos mestres, afinal este dia também é motivo de orgulho para aqueles que transmitem o saber, pois encontram nos alunos sementes plantadas por eles, na qual verão florescer e crescer.

Já no capítulo III, dá-se destaque ao assunto principal, a capoeira atuando de forma direta e indireta na educação, mostrando influências pedagógicas da capoeira no processo de ensino aprendizagem, os benefícios que a mesma traz para esta área, além da abordagem de algumas maneiras que a capoeira pode ser trabalhada no âmbito educacional.

Contudo, a capoeira é uma expressão cultural brasileira mais conhecida no mundo todo, pois se destaca não somente pelos movimentos ágeis e cadenciados, como carrega uma história de dor e superação vinda dos descendentes de escravos africanos, que deram vida para essa luta/dança e que percorre aos dias de hoje como cultura, tradição e para muitos capoeiristas, um estilo de vida. Sendo um jogo de perguntas e respostas, uma luta em forma de dança que nasceu nas senzalas e expandiu pelo mundo afora.

CAPÍTULO I

1. EDUCAÇÃO NA DIVERSIDADE CULTURAL

1.1 Definição de Educação e Diversidade Cultural

Segundo Silva, Rampazzo e Piassa (2010), a educação é entendida como um processo histórico universal, em que o homem se distingue dos outros no conjunto da natureza, pois o mesmo se relaciona consigo mesmo, com o meio em que vive e na interação com seus semelhantes, ele tem por condição e produto da natureza, capacidades de criar e transmitir conhecimentos. Os mesmos acrescentam que “a educação é expressão do social e da cultura que caracteriza todos os seres humanos e, por ser histórica, transforma-se ao longo do tempo (p. 65).”

Desta forma, a educação é um processo contínuo de aprendizagem, na qual o ser humano adquire competências, experiências e capacidades que os levarão a caminhos muitas vezes inesperados, porém que lhes darão perspectivas de vida para assumirem graus elevados de conhecimentos.

Embora tais conhecimentos nem sempre sejam usados para o bem da humanidade, cabe ressaltar que o ser humano é formado por livre arbítrio, na qual cabe somente a ele decidir seu destino. Sendo assim, a educação tem por intermédio formar cidadãos críticos, reflexivos e ativos na sociedade, que saibam desfrutar dos saberes proporcionados para também ensinar o próximo, e assim, colaborar para um mundo mais letrado, alfabetizado, solidário e democrático.

A Lei de Diretrizes e Bases – LDB (1996) salienta que:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Conforme apresentado na lei, o ser humano é formado integralmente e socialmente com o meio, o sujeito e os objetos a sua volta. A educação gira em torno do “ser”, envolvendo-o de forma complexa e não tendo para onde fugir, pois todos os caminhos levam único e exclusivamente a se deparar com o ato de educar, adquirir e passar conhecimentos, processo este chamado “Educação.”

Brandão (1981, p.7) afirma que “Ninguém escapa da Educação”, já que tudo está relacionado com o que fazemos em nossa vida, tanto para aprender quanto para ensinar, fazer, saber fazer e se socializar. Para ele não há um modelo de educação único, uma vez que não é somente na escola que ela acontece. O mesmo afirma que:

Em mundos diversos a educação existe diferente: em pequenas sociedades tribais de povos caçadores, agricultores ou pastores nômades; em sociedades camponesas, em países desenvolvidos e industrializados; em mundos sociais sem classes, de classes, com este ou aquele tipo de conflito entre as suas classes; em tipos de sociedades e culturas sem Estado, com um Estado em formação ou com ele consolidado entre e sobre as pessoas. (BRANDÃO, 1981, p.9)

Assim, pode-se entender a educação como uma construção da forma com que cada grupo manifesta sua cultura, criando e recriando suas regras e comportamentos vindo, contudo, a alastrar seus ensinamentos e aprendizados com outros povos habitantes da sociedade, produzindo a partir daí, uma educação ampla, que abrange além de si, também aos outros, fazendo com que os conhecimentos que antes eram específicos de um grupo, sejam compartilhados, moldados, transformados e aprimorados da maneira que o indivíduo se identifique melhor.

Nessa linha de pensamento, Brandão (1981, p.10-11) ressalta que:

A educação é [...] uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras de trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, às vezes a inculcar – de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem.

Desta forma, a educação por ser um fenômeno social presente em todas as culturas humanas, em seus mais diferentes contextos, entende-se que sua reflexão, está sempre relacionada à questão da diversidade existente no mundo, o que nos fará entender os diferentes olhares que habitam em nosso meio.

Conforme Silva, Rampazzo e Piassa (2010, p.50) diversidade pode ser entendida não somente como diferença ou dessemelhança, conforme referenciada

em dicionários, mas de duas formas quando tratadas sobre a visão cultural e político, sendo elas:

- 1) as diferenças são construídas culturalmente tornando-se, então, empiricamente observáveis; e
- 2) as diferenças também são construídas ao longo do processo histórico, nas relações sociais e nas relações de poder. Muitas vezes, os grupos humanos tornam o outro diferente para fazê-lo inimigo, para dominá-lo.

No entanto, especificaremos aqui a diversidade cultural, que abrange a sociedade do mundo todo e que se caracteriza por diferentes formas de ser e viver, de hábitos e costumes, assim como sua implicação com um olhar reflexivo diante da questão do preconceito, já que a mesma apresenta muitos questionamentos e críticas a esse respeito.

Oliveira e Sgarbi (2002, p.8) afirmam que “a diversidade cultural surge das semelhanças e diferenças de fazeres e de saberes de um grupo social na sua relação com outros”, sugerem, portanto, que há muitas e diversas possibilidades de tratar o assunto da diversidade.

Segundo Silva, Rampazzo e Piassa (2010, p.137), “a cultura da diversidade vai bem além de simplesmente aceitar as diferenças, é preciso compreendê-la como parte da construção do ser humano”.

Freitas (2012, p.19) define a cultura da seguinte forma:

Cultura diz respeito à inigualável criatividade humana, à toda forma de pensar, de amar, de se relacionar socialmente, de louvar a Deus ou aos deuses. É ela que nos torna humanos e é através dela que nos vemos como seres dotados da capacidade infinita de, a cada dia, inventar um jeito novo de estar no mundo.

A diferença, independentemente de cultura, religião, crença, tradição, linguagem, raça, gênero ou sexo, é sempre muito suscetível à discriminação. É difícil acreditar que ainda possam existir pessoas tão ignorantes a ponto de se sentirem inferiores aos demais, mas infelizmente esse conhecimento está longe de atingir pessoas hipócritas que se sentem melhores apontando o dedo aos outros.

Ainda segundo Silva, Rampazzo e Piassa (2010, p.137):

Precisamos desvelar os preconceitos que se fazem presentes na sociedade brasileira. Preconceitos escondidos atrás da máscara da neutralidade sobre

a miscigenação de nossa população, vendida como produto – exportação na época do Carnaval.

Desta forma, a educação para a diversidade pode amenizar a ignorância de parte das pessoas que, por desconhecerem a história, não as aceitam. No entanto, a construção do indivíduo se faz dia após dia e conforme esses dois conceitos vão sendo englobados e ensinados, espera-se que um dia a igualdade seja vivida por todos. Assim, se vê em suma, a importância de trabalhar com a diversidade na educação.

1.2 A importância de trabalhar com a Diversidade na Educação

Trabalhar com a diversidade na educação é um desafio porque esta questão enfrenta opiniões múltiplas, que perpassam o limite da humanização. Em um mundo onde o preconceito e as diferenças se veem gritantes, é preciso neutralizar pensamentos e atitudes negativas que geram violência e a opressão do indivíduo.

Candau (2013, p.16) ressalta que “a escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização”.

No entanto, Freitas (2012, p.26) afirma que “pensar a cultura como forma de viver a vida, de olhar o mundo e os demais seres humanos é um convite a respeitar a diversidade cultural. ”

Conforme Barreiros e Morgado (2002, p.97) a diferença precisa ser trabalhada, para que a diversidade seja reconhecida e compreendida como determinantes na construção das identidades, “reconhecendo a existência de diversos grupos culturais, com manifestações específicas, que sejam capazes de perceber influências – sociais, culturais e étnicas, presentes no cotidiano do aluno/a.” Os autores acrescentam que:

Um currículo voltado para as diversas identidades culturais deve resgatar práticas esquecidas, discursos silenciados, presentes dentro e fora da escola, assim como legitimar conhecimentos e reivindicações gerados nos movimentos sociais. Tal perspectiva tornará a escola um espaço importante no processo de construção de identidades e de representações, o que pode contribuir na criação de formas de organização social mais democráticas (IDEM, p.98).

Este assunto sobre a diversidade, não é de todo atual, já que a diferença caminhou desde sempre com o processo histórico, vindo do passado e de nossos

ancestrais, essa divisão que se limitava a pobre e rico, branco e negro, elite e povo. O que de fato aconteceu, foi uma mudança significativa no modo de ver, ser e tratar o outro, mas é claro que atrás de tudo, havia o interesse das camadas populares mais altas, que viam nas mãos de obras qualificadas, a melhoria e o aumento da produção.

Nesta linha de pensamento Candau (2013, p.17) salienta que:

A nossa formação histórica está marcada pela eliminação física do “outro” ou por sua escravização, que também é uma forma violenta de negação de sua alteridade. Os processos de negação do “outro” também se dão no plano das representações e no imaginário social. Neste sentido, o debate multicultural na América Latina nos coloca diante da nossa própria formação histórica, da pergunta sobre como nos construímos socioculturalmente, o que negamos e silenciemos, o que afirmamos, valorizamos e integramos na cultura hegemônica. A problemática multicultural nos coloca de modo privilegiado diante dos sujeitos históricos que foram massacrados, que souberam resistir e continuam hoje afirmando suas identidades e lutando por seus direitos de cidadania plena na nossa sociedade, enfrentando relações de poder assimétricas, de subordinação e exclusão.

Desse modo, Freitas (2012, p.27) afirma que nos dias de hoje o discurso a respeito da diversidade se vê em alta em muitos lugares e até mesmo na escola, mas questiona o fato de estarmos preparados para lidar com esta questão, de relacionarmos com pessoas portadoras de uma identidade cultural diferente da nossa, daquilo que estamos acostumados. O autor acrescenta que tanto o sentido que damos a vida quanto à forma que nos relacionamos estão ligados à cultura em que vivemos e neste sentido diz que “os sentimentos de amor, de afeto, de beleza e, por que não dizer, de estranhamento, de distanciamento e de aproximação estão permeados pela cultura de onde vivemos ou que nos foi passada pelos nossos ancestrais.”

Candau (2013, p.23) ainda complementa que:

As relações culturais não são relações idílicas, não são relações românticas, elas estão construídas na história e, portanto, estão atravessadas por questões de poder, por relações fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos.

Para Freitas (2012) não é preciso ir para outro mundo para conviver com o diferente ou como abordado pelo autor, com o “outro”, uma vez que a própria sala de aula já traz experiências de aprender com a diversidade. Dentro desse espaço educacional, podemos encontrar muitas perguntas e respostas das quais aprenderemos muito mais ouvindo o que o outro tem a dizer, do que formulando

questões com pensamentos particulares, dirigidas a si próprios. O mesmo ainda reforça que portar uma cultura diferente não torna ninguém mais ou menos importante, mas considera-se o respeito a diversidade, condição esta para a igualdade.

De acordo com Candau (apud BARREIROS e MORGADO, 2002, p.98) pode-se entender a importância da diversidade na educação pelos seguintes dizeres:

Na área educacional, observa-se um movimento de revalorização da ideia de cultura, num resgate da dimensão simbólica e afetiva, na intenção de compreender esses novos processos identitários. Ressalta-se, a partir daí o caráter amplo e plural da noção de cultura, concebendo-a como elemento que estrutura o cotidiano de todo o grupo social e se expressa na forma de pensar, agir, sentir, celebrar etc.

Se a escola não buscar contemplar essa revalorização das culturas, possivelmente poderemos dizer que somos seres analfabetos em quesito de conhecimentos culturais, visto que no espaço educacional está concentrado um universo de diferenças capazes de nos colocar a uma reflexão crítica, moldando nossas opiniões.

Nessa perspectiva, contemplar a pluralidade dos fenômenos educacionais sobre cultura, construindo propostas curriculares emancipatórias, que incorporam elementos culturais que possibilitam a formação de indivíduos críticos (BARREIROS e MORGADO, 2002, p.98).

Desta forma, Freitas (2012, p.29) ressalta que a diversidade “está em toda parte, mas não basta identifica-la; é preciso saber o que fazer com ela, como equacionar o relacionamento entre diferentes sem que um sufoque, discrimine, maltrate ou, em um desfecho mais violento, até destrua o outro”.

Falar da importância da diversidade é falar do valor das pessoas enquanto seres humanos. Valor este que se dá não somente pela sua existência, mas pelo espaço que cada pessoa ocupa no mundo, pelas suas conquistas, seu trabalho, seus saberes, sua busca pelo novo, sua construção como cidadão participativo e ativo na sociedade e pela sua prática da cidadania.

De acordo com Freitas (2012, p.39) a alteridade é um desafio da convivência diária, que nos coloca a “aprender a lidar com a diversidade que bate à nossa porta e tratá-la com a mesma dignidade com que queremos ser tratados”.

Nesta linha de pensamento Laplantine (1998 apud FREITAS, 2012 p.39) afirma que:

Somos não apenas cegas à dos outros, mas míopes quando se trata da nossa. A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) levamos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar e cotidiano, e que consideramos “evidente”. Aos poucos notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de “natural”. Começamos então a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura, passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não única.

Nas palavras de Freitas,

Se existem no interior de uma mesma sociedade diferentes culturas, então podemos falar de uma cultura escolar, que pode ser progressista, comprometida com o respeito e a dignidade dos diferentes segmentos sociais que a compõem, ou, ao contrário, conservadora e responsável pela manutenção dos inúmeros preconceitos, sejam eles de classe, gênero, raça, credo e outros que a própria dinâmica social vai produzindo (2012, p.61).

Quando se trata de cultura, somos ricos em quesito de valores e não deveríamos esconder nossa identidade, tampouco ter medo daquilo que somos, da religião que praticamos ou do costume que herdamos, pelo contrário, são essas manifestações que nos diferenciam do outro que nos torna importante.

Freitas (2012, p.66) retrata este pensamento com os seguintes dizeres:

Nós educadoras e educadores, não podemos nos calar diante das omissões, das injustiças e do preconceito com que os indivíduos são tratados socialmente por apresentarem uma identidade que não corresponde aos ideais preconcebidos, aceitos e reproduzidos socialmente. Inclusive, essas injustiças acabam gerando na sociedade consequências muito sérias quando esses indivíduos são excluídos do convívio social e/ou são vítimas de violência física e psicológica.

Candau (2013) complementa dizendo que tais questões não podem de forma alguma serem ignoradas, devido à escola correr o risco de se distanciar deste universo de saberes, mentalidades e preocupações que atingem crianças e jovens atualmente.

De acordo com Freitas (2012, p.84) a diversidade deve estar presente no processo de ensino, visto que os alunos também têm muito o que ensinar, uma vez que ambos são considerados portadores de diferentes identidades culturais. Acrescenta-se que “uma educação multicultural deverá ter ou construir como princípio o respeito e a convivência com as diferenças”.

Ensinar a diversidade na educação é aprender o devido respeito que se dá ao próximo e a si mesmo. É sair da zona de conforto, de um mundo fechado e desafiar seus limites. Porém, também se vê necessário a formação de profissionais qualificados e com capacidades para estar à frente dessa transmissão de conhecimentos, já que é no âmbito educacional que começa a interação com a sociedade.

Nesta perspectiva, Canen (1997 apud BARREIROS e MORGADO 2002, p.107) afirma que:

A perspectiva cultural crítica na formação docente pode representar uma via, na qual os futuros professores estariam sendo preparados para atuarem em sociedades multiculturais, desafiando preconceitos e dispor de uma educação escolar que incorpore valores de tolerância e apreciação da pluralidade cultural às futuras gerações.

Candau (2013) aponta especificamente a América Latina e o Brasil em particular, como tendo uma configuração própria, visto que nosso continente é construído com uma base forte de multiculturalidade na qual relações interétnicas sempre foram uma constante em toda história, indicando os grupos indígenas e afrodescendentes ao que diz respeito a uma historicidade trágica e dolorosa.

Segundo Freitas (2012) enxerga-se na educação multicultural, a importância da educação ser pensada de maneira plural e não de forma única, já que a questão da diversidade deve ser tratada de forma múltipla frente aos problemas diversos.

Desta forma o autor salienta:

“...Multiculturalismo seria a possibilidade de convivência das diferentes culturas e suas respectivas formas de organização dentro de uma mesma sociedade, o que, por definição, não é tarefa fácil para nenhum estado nacional, governo ou projeto educacional. Contudo, é um dos desafios da atualidade e da convivência entre os diferentes (FREITAS, 2012, p.87)

Quando se aprende novas experiências, adquire-se mais conhecimentos e ao conviver com as diferenças, ajuda na construção do ser humano, em sua formação como cidadão íntegro, democrático e igualitário.

Candau (2013, p.20) “a perspectiva propositiva entende o multiculturalismo não simplesmente como um dado da realidade, mas como uma maneira de atuar, de intervir e de transformar a dinâmica social”.

Contudo, Freitas (2012) relata que o multiculturalismo está presente em muitas áreas sociais, sendo o mesmo também uma questão política por estar relacionado com o tema dos direitos humanos e que na educação faz referência de todas as formas:

De um lado, porque todas as lutas pela emancipação dos setores desfavorecidos da população refletem na escola; de outro, porque ela é também o espaço onde as contradições são vivenciadas pelas famílias, pelo corpo docente, pela direção e pela equipe pedagógica. (FREIRE, 2012, p.92)

A importância desse assunto nos âmbitos educacionais também se dá pela valorização do processo histórico, sendo precedente conter nos currículos escolares.

De acordo com Freitas (2012, p.94) pode-se combinar o multiculturalismo com o interculturalismo pelo fato de:

Primeiro porque a realidade das sociedades capitalistas e industrializadas é, por definição, multicultural: os deslocamentos humanos, os processos migratórios em massa, a entrada da mulher no mundo do trabalho, a circulação constante e ininterrupta de mercadorias e informações culturais colocaram em cena a questão da diversidade de maneira sem precedentes na história, principalmente no Ocidente. Daí a necessidade de diálogos entre as culturas. Nesse sentido, uma educação intercultural é aquela que tem como princípio a interação entre as culturas. Segundo, porque, para a interculturalidade, não basta saber identificar as diferenças, são necessárias a interação e a troca entre as partes.

Já Catherine Walsh (2001 apud CANDAU 2013, p. 23-24) ressalta que a interculturalidade é:

- Um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade.
- Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença.
- Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados.
- Uma tarefa social e política que interpela ao conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade.
- Uma meta a alcançar.

Freitas (2012), por sua vez, entende por interculturalismo “a interação e o convívio entre as diferentes culturas (p.94)”, definição esta que tem o respeito como

ponto principal para que se estabeleça o reconhecimento da complexidade dos universos culturais, considerando o que o “outro” tem para contribuir. Exemplo deste termo é “a oferta de educação escolar em terra indígena (p.95).” O mesmo aborda o decreto nº10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de história da África e dos africanos nos currículos escolares, visto que o conhecimento deste conteúdo é importante na formação do educando, pois irá “mudar o paradigma e abandonar antigas práticas educacionais, que, ao abordar a história dos africanos no Brasil, partem do processo de escravização (p.97).”

Nesta linha de pensamento o autor descreve que:

“Não é fácil romper com velhas fórmulas, com o racismo e a discriminação que atinge a todos, independentemente de serem negros, brancos, amarelos ou vermelhos. Devemos pensar que, antes de qualquer coisa e depois de tudo, somos humanos (FREITAS, 2012, p.97).”

Para Freitas (2012, p.97) essa lei nº10.639/2003 também ajudará a “abandonar velhos estereótipos que mostram o continente africano de maneira folclórica, como sinônimo de pobreza e local de safári para brancos ricos.”

Desta forma pode-se considerar que a igualdade está presente onde as diferenças são aceitas e compreendidas de maneira construtiva. Se o mundo fosse feito de iguais, não haveriam pessoas reflexivas frente aos problemas, pois o mesmo não existiria, uma vez que não teriam perguntas novas a serem formuladas, nem respostas a serem questionadas. Assim, diálogos seriam monótonos e os argumentos sem fundamentos.

Freitas (2012) afirma que a educação multicultural tem que enfrentar as dificuldades existentes no caminho, porque só assim, conseguindo realizar o diálogo a partir da diversidade, poderá ser realizada a tarefa da interculturalidade, na qual o respeito se prevalece acima de tudo.

No entanto, não basta apenas saber falar sobre ela, tampouco o tamanho da sua importância, é necessário saber como abordá-la no contexto educacional, questão esta discutida a seguir, a fim de progredir na prática o que a teoria assegura.

1.3 Desafios que o professor enfrenta para trabalhar com a diversidade na Educação

Para que o professor trabalhe com a questão da diversidade no âmbito escolar, os mesmos enfrentam desafios que sua profissão acaba exigindo para que possam passar tais conteúdos de forma mais clara possível. Mediante a esses obstáculos, são necessários como requisitos: ter conhecimento sobre o tema a ser discutido; buscar estar sempre se atualizando, tendo em vista que mudanças ocorrem a todo instante; e principalmente qualificação em quesito de práticas educacionais, a fim de estar apto para responder aos questionamentos feitos pelos alunos, sabendo abordar de forma contextualizada, dinâmica e compreensiva o assunto tratado.

Candau (2012, p.25) destaca uma expressão utilizada por uma professora de didática na qual diz que “a diferença está no chão da escola. ”

[...] Se a cultura escolar é, em geral, construída marcada pela homogeneização e por um caráter monocultural, invisibilizamos as diferenças, tendemos a apagá-las, são todos alunos, são todos iguais. No entanto, a diferença é constitutiva da ação educativa. Está no “chão”, na base dos processos educativos, mas necessita ser identificada, revelada, valorizada. Trata-se de dilatar nossa capacidade de assumi-la e trabalhá-la.

Desse modo, pode-se observar o quão importante e fundamental é a escola na vida do ser humano. O conhecimento ali adquirido respalda em um estudo amplo, que condiz com as experiências que servem como aprendizado e até mesmo como ponto de partida para debater em sala de aula, trazendo vivências do meio social e da realidade para dentro do campo escolar, a fim de propor uma reflexão dos elementos questionados e transmitir de forma clara que a diferença não é doença, pelo contrário, é nas diferenças que nos construímos como seres sazonados.

Tendo em vista a construção de práticas pedagógicas, Candau (2013) destaca algumas propostas para ser trabalhada no âmbito escolar que serão discutidas a seguir:

1.3.1 Reconhecer nossas identidades culturais

Nascemos sendo influenciados por uma determinada cultura que se quer nos damos conta de perguntar: De onde veio? Como nasceu? Qual o porquê disto ou daquilo? O que esta cultura difere dos demais? E a partir destas indagações se vê a necessidade da tomada de consciência quanto a si próprio.

Neste sentido Candau (2013, p.25-26) relata ser este:

um primeiro aspecto a ser trabalhado, que considero de especial relevância, diz respeito a proporcionar espaços que favoreçam a tomada de consciência da construção da nossa própria identidade cultural, no plano pessoal, situando-a em relação com os processos socioculturais do contexto em que vivemos e da história do nosso país.

Assim como tudo na vida tem um início, esta talvez seja o ponto de partida para uma abordagem em sala de aula. Visamos a cultura do outro, valorizando aquilo que vem de fora, que nos esquecemos de olhar para nós mesmos e ver as riquezas que constituem nossa construção de identidade. A sala de aula é formada por essas heranças contidas no contexto de vida de cada indivíduo ali presente.

Candau acrescenta:

[...] A socialização entre os/as alunos/as dos relatos sobre a construção de suas identidades culturais em pequenos grupos tem-se revelado uma experiência profundamente vivida, muitas vezes carregada de emoção, que dilata a consciência dos próprios processos de formação identitária do ponto de vista cultural, assim como a capacidade de ser sensível e favorecer este mesmo dinamismo nas respectivas práticas educativas. Estes exercícios podem ser introduzidos desde os primeiros anos da escolarização, orientados a identificar as raízes culturais das famílias, do próprio contexto de vida – bairro, comunidades, valorizando-se as diferentes características e especificidades de cada pessoa e grupo.

Não há dúvida de que em uma sala de aula, tanto se ensina como se aprende e que é neste espaço que se espera que crianças, jovens e adultos saiam com mentes abertas para favorecer uma visão dinâmica, sendo capazes de reconhecerem os grupos aos quais pertencem, enfatizando sempre e principalmente, o respeito quanto às demais identidades.

1.3.2 Desvelar o daltonismo cultural presente no cotidiano escolar

Muitos professores ao se formarem tendem a achar que já sabem o suficiente, que irão dar conta de todas as suas atribuições, que não precisam mais estudar ou que já viram tudo, mas quando se deparam com a realidade percebem que o “tudo” não era nem o começo. Com isso, suas práticas pedagógicas deixam a desejar, por não saberem como proceder diante de assuntos pertinentes, levando ao daltonismo cultural, que segundo Candau (2013, p.27-28) afirma que:

O daltonismo cultural tende a não reconhecer as diferenças étnicas, de gênero, de diversas origens regionais e comunitárias ou a não colocá-las em

evidência na sala de aula por diferentes razões: a dificuldade e falta de preparo para lidar com estas questões, o considerar que a maneira mais adequada de agir é centrar-se no grupo “padrão”, ou, em outros casos, por, convivendo com a multiculturalidade quotidianamente em diversos âmbitos, tender a naturalizá-la, o que leva a silenciá-la e não considerá-la como um desafio para a prática educativa.

Desta forma, notamos que conhecimento e experiência nunca será demais para um docente, uma vez que sua prática requer confiança naquilo que é dito e ensinado, certo de que o “eu acho” está fora de questão. É preciso ter argumento para o assunto que será tratado em sala de aula, lucidez para responder a uma questão e clareza nas palavras utilizadas, evidenciando também, a atenção com o conteúdo que já vem pronto nos livros didáticos e a curiosidade dos alunos, que podem emitir perguntas bem oportunas, em momentos inesperados.

Segundo Candau (2013, p.28) salienta que:

Ter presente o arco-íris das culturas nas práticas educativas supõe todo um processo de desconstrução de práticas naturalizadas e enraizadas no trabalho docente para sermos educadores/as capazes de criar novas maneiras de situar-nos e intervir no dia a dia de nossas escolas e salas de aula.

A importância da diversidade cultural em um olhar múltiplo, demonstra a conscientização do ser humano quanto ao seu papel de cidadão e a do professor como agente eficiente, competente e responsável pelo processo de ensino aprendizagem, afim de formar homens e mulheres de boas índoles.

1.3.3 Identificar nossas representações dos “outros”

Tomemos ciência do julgamento que fazemos ao outro, visto que ninguém é perfeito e está sujeito a cometer erros. No entanto, tal atitude leva ao preconceito e a discriminação, e este é um dos fatores essenciais a ser discutido em sala de aula.

Segundo Candau (2013) fazemos representações estereotipadas e ambíguas dos outros, o que nos desafia a trabalhar relações sociais principalmente na educação, a fim de mudar a visão etnocêntrica da qual o ser humano possui, aquela da qual tende a caracterizar o outro como semelhante a si, que tem o mesmo padrão de vida, cultura e hábitos, e quanto aos outros, estes confrontam essas visões por serem nesta perspectiva diferentes.

O/a educador/a tem um papel de mediador na construção de relações interculturais positivas, o que não elimina a existência de conflitos. O desafio está em promover situações em que seja possível o reconhecimento entre os diferentes, exercícios em que promovamos o colocar-se no ponto de vista, no lugar sociocultural do outro, nem que seja minimamente, descentrar nossas visões e estilos de afrontar as situações como os melhores, os verdadeiros, os autênticos, os únicos válidos [...] (CANDAU 2013, p.31-32).

Muitas vezes ocorre do ser humano se ver como o “centro das atenções” e isto implica na relação com o outro, partindo do princípio que o outro também pode ter o mesmo olhar e ambos não reconhecerem o que tem em comum. A partir desta, desperta o conceito de desprezo, humilhação e ignorância.

1.3.4 Conceber a prática pedagógica como um processo de negociação cultural

A escola é um meio de comunicação, embora não única, primordial para trabalhar com a apropriação da cultura dos educandos, ensinando e fazendo-os compreender sua origem e importância no meio social e até mesmo a valorização quanto as culturas que estão sendo esquecidas e por vezes tratadas com insignificância por não estarem presentes com frequência em nosso cotidiano.

Desta forma Candau (2013, p.32) afirma que esta proposta é:

Um quarto aspecto que considero de especial relevância refere-se ao modo de conceber a prática pedagógica. Através da história, muitos têm sido os olhares, os pontos de vista, as perspectivas adotadas para situar-nos diante de nossas práticas educativas cotidianas. Proponho que assumamos as lentes as quais permitam encará-las como processos de negociação cultural.

A autora acrescenta algumas implicações que este quarto aspecto apresenta, sendo elas:

1.3.4.1 Evidenciar a ancoragem histórico-social dos conteúdos

De acordo com Candau (2013, p.33) encontra-se presente no desenvolvimento dos currículos uma visão do conhecimento a-histórica, concebendo acúmulo de fatos e conceitos ao conhecimento escolarizado, na qual transformam-se em verdades inquestionáveis. Esta afirmação parte da ideia de que “para ensinar é necessário ter certezas e uma maneira de construir o conhecimento escolar que nos permita fazer afirmações absolutas e universais”.

No entanto, a autora salienta que as questões multiculturais questionam este universalismo pelo modo com que lidamos com os conhecimentos escolares e os gerais.

Ter presente a ancoragem histórico-social dos chamados conhecimentos curriculares é fundamental. Supõe analisar suas raízes históricas e o desenvolvimento que foram sofrendo, sempre em íntima relação com os contextos nos quais este processo se vai dando e os mecanismos de poder neles presentes (IDEM, 2013, p.34).

O que fica claro aqui é que a origem de cada história, as mudanças de fatos que ocorrem ou que venham a acrescentar, levam-nos a uma profunda análise de contextos da qual podemos observar em seu longo ou curto processo, evidenciando recursos influentes que estão presentes. Candau afirma que esta ancoragem “trata-se de uma dinâmica fundamental para que sejamos capazes de desenvolver currículos que incorporem referentes de diferentes universos culturais, coerentes com a perspectiva intercultural (p.34) ”.

1.3.4.2 Conceber a escola como espaço de crítica e produção cultural

Candau (2013) aborda nesta perspectiva que a escola não deve somente inserir tecnologias de informação e comunicação, mas usar do diálogo como ferramenta, para debater o processo de mudanças culturais, enfatizando que no espaço educacional estão presentes diferentes linguagens e expressões, sendo reproduzidas a todo o momento.

Para Sarlo (2004 apud CANDAU, 2013, p.34-35):

[...] Comprar uma televisão, um videocassete e um computador, no entanto, pode ser um grande obstáculo para as escolas mais pobres (que são milhares) em qualquer país latino-americano. Suponhamos, de qualquer modo, que a Sony e a IBM decidissem praticar a filantropia numa escala gigantesca. Apesar de tudo, o problema que gostaria de colocar continuaria presente, porque, exatamente, não se trata somente de uma questão de equipamento técnico e sim de mutação cultural.

Neste apontamento feito por Sarlo, fica evidente que os desafios enfrentados pelos professores não se tratam apenas de recursos materiais, das quais podemos pegar, visualizar e até quebrar; mas principalmente dos recursos abstratos, os quais imaginamos, sentimos e moldamos conforme a situação, fazendo referência às: estratégias, experiências, pesquisas, conhecimentos, vivências pedagógicas.

Neste sentido Candau (2013, p.35) acrescenta:

Os educadores e educadoras estão chamados a enfrentar as questões colocadas por esta mutação cultural, o que supõe não somente promover a análise das diferentes linguagens e produtos culturais, como também favorecer experiências de produção cultural e de ampliação do horizonte cultural dos alunos e alunas, aproveitando os recursos disponíveis na comunidade escolar e na sociedade.

Esta relação entre a comunidade e a sociedade em geral, faz-se relevante na frase “ampliação de horizonte” e é nesta perspectiva que a escola deveria trabalhar. Ao invés de falar a sala de aula, porque não citar o prédio escolar. Se ao citar um exemplo da escola, porque não contextualizar com o mundo atrás do muro escolar. Com famílias descendentes de índios, africanos, japoneses e outros; onde vê-se o olhar amplo que é trabalhada separadamente? Quando a ênfase da diversidade se dá no acolhimento, na relação e interação com o outro.

Alves (1999 apud GARCIA e LOBO, 2002) salienta:

Os conhecimentos e valores tecidos nas complexas relações estabelecidas nos múltiplos contextos cotidianos nos quais estamos inseridos por toda nossa vida possibilitam uma reflexão sobre a diversidade de marcas e de valores presentes nas diversas práticas pedagógicas, como também apontam a dificuldade de implantação e efetivação de propostas curriculares homogeneizantes que procuram abarcar estas diversidades. Há de se considerar que, no cotidiano das escolas, os traços socioculturais dos professores, dos alunos e da comunidade estão interagindo, e que as diversas culturas – tanto a legitimada quanto as negadas – fazem-se presentes neste cotidiano. “A cultura da escola e toda produção cultural de fora dela formam um complexo socioeducacional que precisa ser entendido”.

Os alunos precisam ter experiências significativas que os façam tomar ciência do espírito de conscientização, valor cultural e respeito acima de tudo, e para que esta seja posta em prática, os professores tendem a enfrentar mais que inúmeros cursos de aperfeiçoamento e formações continuadas, como também seus próprios medos, suas diferenças, seus próprios preconceitos.

O professor necessita estar sempre buscando e adquirindo maiores conhecimentos, para interagir com os assuntos que o mundo vem repercutindo, pois assim, ao aplicar uma atividade sobre determinada cultura, saberá discutir o tema abordado sem constrangimentos, fazendo o aluno entender que existem outras culturas além das quais cada qual possui.

A capoeira é um esporte, também denominado como luta e dança, que faz parte da cultura africana, exemplo este escolhido para dar um estudo aprofundado fazendo referência ao tema da diversidade, que sobreviveu anos de luta e que atualmente está chegando nas escolas como uma ferramenta rica de conhecimentos, que se constitui não só por contextos teóricos, como também pela prática e amplitude que a mesma envolve.

CAPÍTULO II

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA CAPOEIRA

2.1 Surgimento da capoeira

Ouvimos muito se falar de capoeira, ainda mais nos dias atuais na qual esta arte tomou proporções inimagináveis, porém o que sabemos sobre ela é pouco perto da dimensão de conhecimentos que sua história tem a nos passar. Neste sentido os autores buscam transmitir um passado da qual faz parte de nossa trajetória, que não pode ficar esquecida nem tão pouco contada pela metade.

Para Darido e Rangel (2005, p.263) “existem diversas versões a respeito da origem da capoeira. A mais comum acredita que ela vem da dança N’golo, ou dança da zebra.

Neste sentido, Mestre Bola Sete (1997 apud DARIDO e RANGEL, 2005, p.263) faz a seguinte descrição:

Existia um ritual bastante violento chamado ‘jogo da zebra’(n’golo), onde os negros lutavam aplicando cabeçadas e pontapés e os vencedores tinham como prêmio as meninas da tribo que ficavam moças. Essa dança é praticada em Angola por rapazes que se desafiam em uma competição atlética para ver quem fica com a jovem que já atingiu a idade de casar.

Rego (1968 apud DARIDO e RANGEL, 2005, p.263) complementa ressaltando que “essa dança era praticada no Brasil como divertimento entre os escravos em dias de domingo e feriados”.

No entanto, como são muitas as variações, pode-se encontrar outras histórias que tratem da capoeira de forma mais completa, enfatizando desde a época dos escravos que lutavam por sua sobrevivência até suas devidas liberdades.

Segundo Areias (1983, p.10-11) os negros eram tirados de seu habitat, colocados nos porões de navios e levados para longe de sua terra natal. Chegando a nova terra, eram tratados de forma desumana, sendo divididos entre os senhores, marcados a ferro e jogados em senzalas infectas e imundas. “Aqui no Brasil, Terra de “Santa Cruz”, tinham uma função a cumprir: assegurar a posse da nova terra, desbravá-la e transformá-la em grande produtora de riquezas para os seus senhores e a Coroa portuguesa”.

Como observado, os negros não passavam de mão de obra barata escravizada e que mesmo sofrendo os piores castigos, eram obrigados a produzir e dar lucros a seus senhores, ou melhor, fornecer aos seus donos a vida boa que levavam. Mediante a isso, Areias (1983, p.11) dá ênfase ao lema da época “Mercadoria-Dinheiro-Mercadoria”, sendo os negros uma dessas mercadorias que devido seu trabalho cansativo e de muito ardor, trariam grandes riquezas para seus senhores. “Comandados pelos chicotes dos feitores, os negros derrubavam a mata, preparavam a terra, plantavam cana e produziam o açúcar”.

No entanto, tais riquezas eram conquistadas à custa de muito suor e sangue do negro, um povo humilhado pela sua cor e suas condições.

Após intenso dia de trabalho, estropiados pelo cansaço e castigo, eram recolhidos às senzalas, davam-lhes lavagem como ração e novamente eram trancafiados, à espera de ... “um amanhã igual ao hoje”. Sem conhecerem a nova terra, apartados de suas famílias e dos seus hábitos e costumes, sem falarem a mesma língua, pois eram divididos em grupos e dialetos diversos para dificultar-lhes a comunicação e eventual organização e rebelião, doentes, subnutridos, acuados como bichos, sem acesso a qualquer tipo de armas e totalmente vigiados, para os escravos era muito difícil lutar e reagir contra esse estado de coisas (AREIAS, 1983, p.11).

Tratados como animais, na qual cabe enfatizar que nem mesmo os próprios animais merecem tal tratamento, os negros tinham uma vida miserável de injustiça e sofrimento.

Areias (1983, p.12) deixa claro que “ao contrário do que muitos pensam, os escravos nunca aceitaram passivamente a escravidão”.

Desta forma fica a evidência de tantas mortes e castigos sofridos pelos negros, pois na tentativa de fugas, muitos eram capturados e torturados, outros morriam em batalha.

De acordo com Areias (1983) com as invasões holandesas, os senhores e governantes tinham o olhar voltado para a expulsão dos invasores, assim, reduzindo a vigilância contra os escravos, aumentando as chances de fugas dos mesmos.

Sedento para livrar-se do sofrimento, e aproveitando-se do incidente das invasões holandesas, os negros veem chegar a grande possibilidade da fuga, escapulindo em massa para as matas e agrestes nordestinos, formando os quilombos, sendo o Quilombo de Palmares um dos mais importantes, sede maior de todos os outros redutos de negros fugitivos (IDEM, 1983, p.12).

Diante do tratamento que os negros recebiam suas fugas só foram questão de tempo, com o surgimento da hora mais propícia levando em consideração a segurança, evitando a morte e a captura pelos feitores, o que sem dúvida, acabaria em castigos e dores. Por outro lado, o desejo de liberdade falava mais alto e foi nos quilombos que muitos escravos encontraram um meio de sobrevivência, vivendo suas crenças, seus costumes e sem as correntes que os prendiam.

Areias (1983) ressalta que o primeiro líder do quilombo foi Ganga-Zumba, mais tarde sendo substituído por Zumbi. Os quilombos além de serem os esconderijos dos negros, ambos se protegiam e se fortaleciam acolhendo escravos fugitivos de toda parte e vivendo sua cultura, exercendo sua fé.

Porém, visto que os escravos eram produtos de grande valor, sua alegria estava preste a acabar e como este período escravocrata ainda estava longe de chegar ao fim, os negros receberam a resposta pelos seus atos.

De acordo com Areias (1983) com a expulsão dos holandeses, a Coroa portuguesa retorna ao domínio, empregando todos os esforços para a captura dos escravos fugitivos, visto que representam a base da economia escravocrata e livres são uma ameaça ao sistema vigente.

Para tanto, além dos inúmeros capitães de mato, contratados pelos senhores com a função de caçar negros fugidos, os governantes formam várias expedições armadas até os dentes, com o objetivo de desarticular e acabar com os quilombos, restituindo os negros ao cativeiro (IDEM, 1983, p.15).

A partir daí, da caçada a um povo que sonhava com a liberdade, os negros viam a necessidade de lutar mais que nunca por uma vida digna. “Movidos pelo instinto natural de preservação da vida, os escravos descobrem no seu corpo a essência da sua arma” (p.15).

Tendo como mestra a mãe natureza, notando nas brigas dos animais as marradas, coices, saltos e botes, utilizando-se das estruturas das manifestações culturais trazidas da África (como, por exemplo, brincadeiras, competições etc. que há praticavam em momentos cerimoniais e ritualísticos), aproveitando-se dos vãos livres que aqui abriam no interior das matas e capoeiras, os negros criam e praticam uma luta de autodefesa para enfrentar o inimigo (AREIAS, 1983, p.16).

É difícil acreditar que um povo sem armas poderia enfrentar seus inimigos, ou ainda, enfrentá-los com o próprio corpo. Contudo, frente às injustiças que sofriam, talvez, o pior mesmo, seria continuar vivendo daquela forma sem nada fazer. Sendo assim, decidiram criar sua própria defesa, para que pudessem ao menos terem a chance de lutar por sua liberdade.

Areias (1983, p.16) afirma que “imitando gatos, macacos, cavalos, bois, aves, cobras etc., os negros descobrem os primeiros golpes dessa luta”.

- das marradas, quem sabe, pode ter surgido a mortal cabeçada;
- dos coices de cavalos, bois e outros animais, pode ter surgido a chapa ou esporão;
- da forma de ataque da arraia, do teiú ou do jacaré, que girando os corpos tentam atingir o adversário com a cauda, pode ter surgido o rabo de arraia, ou meia lua de compasso;
- dos pulos e botes dos animais, podem ter surgido os saltos da capoeira, como o salto do macaco, o pulo do gato e o aú; e
- das pernadas e calços, nas horas de brincadeiras e correria, pode ter surgido a rasteira (IDEM, 1983, p.16).

Como podemos observar, a natureza colaborou não somente quanto ao esconderijo e alimentos que forneceu para os escravos em suas fugas, mas também atribuiu ao negro uma arma poderosa, que seria mais tarde, a sua sobrevivência.

Areias (1983) faz um apontamento da semelhança dos movimentos de ataque e defesa do jogo da capoeira com a dos animais.

Quem diria, um povo tratado como animal, faz do julgamento dos seus senhores, governantes e capitães de mato, uma luta de defesa, ou, segundo Areias (1983) “o surgimento da arma do corpo, enfrentando rifles e canhões para defender a qualquer custo o direito à vida”.

Considera-se também que o negro não veio apenas para o Brasil. Foi levado para as diversas partes do mundo, sendo que em nenhum lugar onde foi instituída a escravidão temos conhecimento da prática da capoeira antes da metade do século XX, a não ser em algumas regiões da África, próximo a Dakar (República do Senegal), por exemplo, para onde retornaram africanos após a libertação, levando consigo coisas do Brasil, coisas não só inventadas por eles aqui, como assimiladas do índio e do português (AREIAS, 1983, p.19).

Uma vez que os negros viam para o Brasil escravizados, também eram obrigados a aprenderem e praticarem a cultura daqui. Desta forma, quando se viram

libertos, possuíam uma determinada quantidade de conhecimentos, o que também usaram para seus benefícios. Por isso, Areias (1983, p.19) acredita que a capoeira é de origem afro-brasileira, por ser uma invenção dos africanos, porém desenvolvida no Brasil, além de ressaltar que, “grande parte dos elementos extraídos para a sua criação tem origem nas manifestações culturais africanas”.

Nesta linha de pensamento, Conde (2003 apud DARIDO e RANGEL, 2005, p.263) afirma que “era consensual a ideia de ter sido criada no Brasil, a partir de uma fusão de lutas e rituais de diversas tribos africanas que formaram, aqui, um caldeirão cultural”.

Desta forma, Darido e Rangel (2005, p.263) acrescentam que:

A capoeira praticada no Brasil não existe na África. A roda, com as músicas, os instrumentos, os golpes e defesas. O que se pode afirmar é que a capoeira foi criada por africanos no Brasil, ou seja, ela é uma manifestação afro-brasileira. Tal afirmação ressalta a importância dos negros na construção da cultura brasileira.

Segundo Areias (1983, p.20) as forças oficiais reconheceram a ameaça que os quilombos traziam a organização sócio-política e a resistência quanto aos negros. Mediante aos acontecimentos encarregaram Domingos Jorge Velho para acabar com os quilombos e destruir Palmares. Para isso, o mesmo fez “uso de toda a força da artilharia e cavalaria, e até da guerra bacteriológica (que consistia em soltar negros com doenças contagiosas, contraídas nas senzalas, para juntarem-se aos negros sadios dos quilombos”.

Zumbi é morto em combate e sua cabeça é exposta nas praças do Recife, como forma de destruir o mito e minar as esperanças daqueles que quisessem continuar resistindo.
E assim, calcado em uma história de lutas e sofrimentos, tivemos o início de uma arte que muitos já praticam, porém de que poucos conhecem a origem e os fundamentos (IDEM, 1983, p.20).

Tanta luta por parte dos negros para ter este fim e ainda sim eles continuaram sonhando. Mesmo com as mãos calejados, as costas marcadas pelos chicotes e a dor das feridas, a fé dos mesmos permanecia viva dentro destes.

Para Areias (1983, p.21-22) há muitas perguntas das quais as respostas são bem difíceis, tendo em vista a deficiência de documentação que dificulta maiores

esclarecimentos. O autor destaca a figura de Rui Barbosa, responsável por queimar documentos referentes à escravidão, alegando que estes eram retratos da vergonha nacional, por isso, o Brasil foi o último país a libertar os escravos, certo de que tal atitude apagaria um fato histórico. “Rui Barbosa acreditava que a história era feita com palavras e não com ações, privando-nos assim de um maior conhecimento da nossa memória histórica”. O autor complementa enfatizando que:

Embora sejam insuficientes os dados e informações de que dispomos, tanto escritos quanto orais, baseando-me na análise de alguns fatos ocorridos e na comparação de outros, acredito ter a capoeira surgido no Brasil como arma, em função da necessidade do escravo de se defender dos maltratos e castigos dos seus opressores, e ao mesmo tempo como folguedo, para expressão e manifestação dos seus sentimentos. Era uma coisa servindo à outra, pois desde os primórdios da colonização já temos conhecimento da capoeira sendo praticada com acompanhamento musical (IDEM, 1983, p.21-22).

Campos (2001, p.19) aborda Rui Barbosa no mesmo sentido que Areias (1983) o descreve, acrescentando que “sua resolução foi de 15 de novembro de 1890. Ficamos assim, sem saber com fidelidade quando vieram os primeiros escravos e de onde vieram”. O mesmo ainda enfatiza afirmando:

O documento mais antigo legalizando a importação de escravos para o Brasil, inclusive indicando o local de procedência, é o alvará de D. João III, de 29 de março de 1559, que permitia que fossem importados escravos de São Tomé. Porém, um ponto de vista é quase unânime entre os historiadores, no que concerne à hipótese de terem vindo de Angola os primeiros escravos, assim como sendo originária de lá a maior parte de negros importados (IDEM, 2001, p.19).

De acordo com Areias (1983) mesmo com tanta luta, muitos escravos foram capturados e levados de volta para senzala, no entanto a ânsia de liberdade continuaria viva dentro de cada um. O sofrimento estava estampado no corpo, mas acreditavam que dias melhores chegariam. Prova disso se dá na descrição do autor quando afirma:

Nas horas da noite, ou em algum momento de folga, antes de se entregarem ao minguado repouso, os escravos reviviam os seus folguedos, expressando os seus sentimentos e a sua ânsia de livrarem-se da dor. Junto a estas manifestações, lá estava a capoeira sendo praticada e, em momento oportuno, utilizada pelos escravos, quando estes, desferindo golpes traiçoeiros no seu opressor, desarmavam-no e fugiam, novamente, mata adentro em busca da preservação de suas vidas. Entretanto, às vezes, os negros eram surpreendidos pelos feitores praticando os seus treinamentos.

O risco desse ato era o castigo onde o tronco e o chicote podiam significar a morte (IDEM, 1983, p.23).

O autor fala da mesclagem, que os negros fizeram com a música e dança a prática da capoeira, disfarçando, assim, uma luta perigosa que os escravos usavam como arma para sobreviverem.

Os escravos, nos dias e momentos de folga, nos terreiros das casas grandes, nas senzalas ou na porta dos mercados enquanto esperavam que este se abrisse, formavam círculos e jogavam a capoeira, sem, no entanto, ela ser identificada como arma, mas sim, apenas como uma mera brincadeira ou jogo de escravos.

Por isso, até hoje, não se chama um capoeirista para lutar, e sim para jogar, “brincar um pouco”, ou “dar uns pulos” (AREIAS, 1983, p. 26).

Uma grande virtude que podemos observar nos capoeiristas, é o fato de que quando estes vão para uma roda, para um evento ou até fazer uma simples brincadeira, dificilmente se ouvirá a frase “vamos lutar capoeira”, mas sim, “vamos jogar capoeira”, o que atribui até mais essência ao valor dessa arte.

Areias (1983) fala sobre a abolição da escravatura ocorrida em 1888, porém, ao mesmo tempo em que a tão sonhada liberdade chegava, surgia com ela o grave problema quanto ao emprego para todos os escravos. Assim, “os negros encontram-se à margem da sociedade”, pois sem encontrar condições de trabalho e sobrevivência viviam vagando pelas estradas.

Residindo nos morros e periferias, circulando normalmente nos locais de maior movimento da cidade, como portos, estações ferroviárias, mercados e feiras, os negros mal conseguiam um trabalho que lhes garantisse a sobrevivência. E, com os berimbaus, pandeiros e reco-recos, enquanto não apareciam afazeres, os negros formavam suas rodas e vadiavam freneticamente no jogo da capoeira. A cena atraía os turistas e transeuntes, dos quais era conseguido algum dinheiro trocado para o leite, a farinha e o sagrado gole da santa cachaça (IDEM, 1983, p.29).

Depois de anos de sofrimento, a sonhada liberdade chegou, porém com o gosto amargo do momento pelo qual passavam, afinal, se nada tinham e nada sabiam além do que lhes eram obrigados a fazer nas fazendas de seus senhores, como passariam a viver de agora em diante?

Areias (1983, p.29) afirma que devido à situação a qual os negros se encontravam, os mesmos se submetiam a atos bárbaros como: “empregavam-se

como mercenários a mando de políticos da época e até se travestem de mulher, para atrair os já chegados turistas e aplicar-lhes o conto”.

Com o passar do tempo e o surgimento de mudanças, o negro passou a contextualizar tal prática.

Trajando-se de branco, com calça pantalone e boca-de-sino que cobria todo o calcanhar, camisa comprida por cima da calça, o capoeira ainda usava, enfeitando, um lenço de seda pura no pescoço, protegendo o colarinho impecável do suor. Esse lenço tinha uma segunda função, que era a proteção contra a navalhada, visto que dificilmente uma lâmina corta seda pura, deslizando pela sua superfície. Vistoso, o negro ainda usava uma argola de ouro na orelha, símbolo de força e valentia, chapéu bico de sino e chinelos de chagrém. E lá iam eles, infestando as ruas, praças e feiras do Rio de Janeiro, de Salvador e do Recife (AREIAS, 1983, p.30).

Devido sua beleza, mistura de movimentos, cadência, molejo, mandinga e magia, a capoeira vai aos poucos ganhando espaço e sendo praticada não apenas pelos negros, mas segundo Areias (1983), por toda uma camada social.

Transformada em uma verdadeira luta acrobática, aperfeiçoada e mesclada de tantos artifícios quantos fossem necessários para safar-se da perseguição dos poderosos, a capoeira e os capoeiristas conseguem, com artimanhas e habilidades, atravessar este período tempestuoso, porém riquíssimo em sua história, nos deixando um saldo de feitos e estórias de nomes e mitos legendários, a exemplo de Nascimento Grande, Manduca da Praia, Besouro Mangangá e tantos outros (AREIAS, 1983, p.50).

A capoeira transformou simples pessoas em grandes nomes reconhecidos pela população no mundo da capoeiragem, os quais receberam títulos dos quais são lembrados através de músicas, homenagens e nomes que estão gravados na história dessa arte.

Em 1932, nesse contexto político, Getúlio Vargas libera uma série de manifestações populares e dentre estas a capoeira. Contudo, o ato do grande estadista nada teve de “bonzinho” ou gratuito; foi antes de tudo em ato político, uma forma estudada de liberar as “válvulas de escape” da população marginalizada, angariando dela a sua simpatia, ao mesmo tempo que era uma forma de exercer um controle sobre estas manifestações e sobre os atos dos seus praticantes, eliminando, assim, a inconveniência da desordem e determinando regras e normas para a sua prática (AREIAS, 1983, p.63).

Areias (1983) afirma que a capoeira foi liberada para ser praticada livremente sem preocupação com a perseguição da polícia, desvinculando-a de prática marginal e pondo-a em destaque:

Sendo apresentada como folguedo nos festejos populares e como espetáculo folclórico em recintos estipulados. Como luta, deveria ser exercida apenas como defesa pessoal e esporte, praticada em locais fechados e por pessoas consideradas “idôneas e de bem”, devendo, assim, transformar-se em esporte nacional (IDEM, 1983, p.63-64).

A partir desta ênfase, a capoeira que era vista como uma prática de marginalidade, onde as pessoas tinham por fim brigar, sujando seu nome com atos bárbaros, passa a ser um esporte reconhecido como qualquer outro esporte, porém com sua particularidade que se dá pela destreza de seu jogo e contexto completo que trabalha todas as áreas: corpo, mente, música, toque, habilidade, coordenação, disciplina e tantos outros feitos.

Nesse momento, tivemos um marco divisor na história da capoeira. Por um lado, não sendo mais perseguido, os capoeiristas, sedentos de expressão, infestavam as ruas e praças das cidades com as suas rodas de capoeira. A capoeira era parte integrante e obrigatória de todas as festas populares, como forma de manifestação espontânea do povo. Através dela, lançando o seu corpo no espaço, dançando, lutando, tocando, cantando, brigando e brincando, o capoeirista colocava para fora todo o seu ódio e amor, o seu medo e a sua coragem, a sua revolta e impotência, a sua violência e a sua ternura, a sua insegurança e a sua força, para enfrentar toda aquela vida incerta. Era o capoeirista de manifestando, se expressando, existindo e se fazendo presente (AREIAS, 1983, p.64).

Areias (1983, p.65) ressalta que através de festas populares a capoeira foi tomando espaço e mostrando sua força, beleza e maneira de ser, a qual Pastinha, mestre da capoeira angola à descrevia como:

Muito mais que uma simples luta, ele a sentia antes de tudo como uma seita, uma maneira de ser e existir, que após a sua morte, só encontramos em pouquíssimos mestres, sendo o mestre Leopoldina, do Rio de Janeiro, um dos remanescentes desse jeito de ser capoeirista.

Areias (1983) salienta que ao estarem livres, os negros necessitavam buscar sobrevivência, e assim, partiram para as terras do Sul, propiciando a vinda de muitos capoeiristas em São Paulo. Embora a capoeira não fosse de fato uma atividade com retorno financeiro, os negros se reuniam em praças, feiras de arte e terreiros das casas onde residiam, para trocarem notícias e dividirem sua solidão. Nesses encontros levavam berimbau, pandeiro, atabaque, roupa folgada e ali se deixavam levar no jogo da capoeira.

Os capoeiristas viam neste esporte, nesta arte, luta e dança mais que um simples lazer, eram seus momentos de colocar para fora, aquilo que guardavam consigo e que oprimidos pelo preconceito e toda injustiça que sofreram, tinham na capoeira sua arma de expressão, no berimbau a energia que contagiava o corpo, nas músicas as canções de seus sentimentos e no jogo vadiavam com o coração.

Dois homens arregaçavam as calças, abaixavam-se ao pé do berimbau, se benziam, davam-se as mãos, o solista gritava: “Da volta ao mundo”, e os capoeiristas pulavam para dentro da roda. Era mais uma vez o reencontro com uma maneira de ser existir e se expressar. Nesse momento não existia conflito entre estilos, filosofia e fundamentos da capoeira. Acima das diferenças estava a necessidade de expressar-se espontaneamente, revivendo uma sensação de prazer e reencontro consigo mesmo, as diferenças eram um complemento, a capoeira tornava-se uma só e tudo era festa e brincadeira. E assim, começou a capoeira em São Paulo (AREIAS, 1983, p.74).

Desta forma, conforme apontado por Areias (1983, p.75), começaram a aparecer grandes mestres como “Paulo Gomes, Suassuna, Brasília, Joel, Gilvan, Ananias, Zé de Freitas e a estes já se incorporavam os recém-formados capoeiristas hoje mestres, Paulão, Pinatti, Melo e o japonês Seiko”, além do surgimento das escolas e academias.

Para Soares (1995 apud DARIDO e RANGEL, 2005, p.263) “outras manifestações que lembram a capoeira podem ter origem em diferentes manifestações corporais distintas da África. Por exemplo: a Bassula, a Cabangula ou mesmo o Umundinhú.

A capoeira deixou mais que história para contar, deixou um legado de pessoas que tem muito a nos ensinar, pois através de suas lutas, suas conquistas e uma legião de capoeiristas, a capoeira correu o mundo levando um pouco de si, deixando por onde passava suas marcas, tanto do suor de seu cansaço como discípulos que aprenderam a arte de gingar.

2.2 O que é a capoeira

A capoeira, entre tantas distinções, faz jus a uma história de sofrimento que levou à criação dessa arte que atualmente vem ganhando espaço, repercussão e principalmente, contagiando muitas pessoas a fazerem parte da mesma.

Areias (1983, p.8) afirma que a “capoeira é música, poesia, festa, brincadeira, diversão e, acima de tudo, uma forma de luta, manifestação e expressão do povo, do oprimido e do homem em geral em busca da sobrevivência, liberdade e dignidade”.

Como observado, é uma arte completa, indo além de uma simples demonstração de movimentos em praças, academias ou nas ruas. Capoeira é educação, aprendizagem, conhecimento, e conforme abordado por Areias (1983, p. 8-9):

A capoeira é todo esse conjunto de performances, dona de toda essa beleza característica, comparando-se a um camaleão, que muda de cor conforme situação.

Ao mesmo tempo, é necessário que nos dispamos de preconceitos, para que não enxerguemos essas lutas e manifestações populares apenas pelo ângulo de visão da classe dominante, mas sim como uma necessidade que todo homem tem de lutar e se expressar para ser e existir como ser humano.

Difícilmente podemos dar a capoeira uma definição única e absoluta, já que ela é uma junção de variadas manifestações que se misturam, ora de acordo com o momento solícito, ora da qual lhe é mais conveniente. Nesse sentido, Darido e Rangel (2005, p.271) afirmam que:

Talvez a principal conclusão é a de que a capoeira tenha características que se aproximam um pouco de cada manifestação (dança, luta, esporte, jogo, ritual...) e depende muito do que se faz dela. Na verdade, acreditamos que essa prática corporal deve, também, estar na escola de acordo com os pressupostos educacionais, transformada conforme as necessidades do contexto escolar.

Desta forma, nota-se que a capoeira é ampla ao mesmo tempo que única. É um jogo de perguntas e respostas no qual dois jogadores se confrontam, podendo cair, se machucar, bater ou apanhar, mas algo é tido como certo, o capoeirista sempre levanta e dá a volta por cima.

Mestre Deputado (2011, p.28) enfatiza que “a capoeira é um mundo cheio de mistérios tanto aos olhos do ignorante quanto daqueles que dizem entender o complexo mundo da capoeira”, o mesmo ainda complementa:

A capoeira é uma das mais ricas formas de expressões e manifestações cultural de um povo analfabeto, que possui cultura oral rica, com seus ritos, rituais e cantorias de uma riqueza inigualável. A capoeira é universal. Os seus ritmos e passos compõem um balé que encanta os olhos de todo o mundo. Expressões de uma linguagem própria de uma manifestação afro-brasileira,

de uma identidade própria de uma raça que já estaria extinta, se não fosse por sua coragem e determinação. Portanto, resta-nos nisso tudo resgatarmos suas manifestações que, às vezes, esquecidas passam despercebidas aos olhos de nosso povo.

Capoeira é vida, é ritmo, é luz e esperança de vida.

Essa arte pode ter tantas definições que talvez caiba a cada um compreendê-la como melhor lhe convir, fazendo que a mesma seja parte de si, afinal, de certo modo a capoeira habita nesse mundo com uma linguagem universal, visto que para chegar onde estamos, houve um passado que conseqüentemente progrediu em mudanças, resultando em uma riquíssima história.

A capoeira, seja como arte, dança, folclore, luta, como quer que seja chamada tem a sua certidão de nascimento, é filha da nossa terra brasileira, capoeira é Brasil, coisa de nosso povo, da terra, criada por Manoel dos Reis Machado, o pai da capoeira Regional. Essa literatura universal de movimentos e expressões, de passos mágicos, de uma leveza de garças e asas de borboletas (MESTRE DEPUTADO, 2011, p.28-29).

De uma força inexplicável, o negro venceu a escravidão, as correntes se quebraram, o chicote foi banido, o tronco colocado abaixo e as senzalas destruídas. A liberdade foi posta em prática e a capoeira continuou com sua trajetória, mostrando a todos de onde ela surgiu e para que ela veio.

Lima (2010, p.62) faz um poema reflexivo a respeito dos negros, um povo de uma cultura enraizada que sobreviveu anos de sofrimento:

Consciência Negra, Pele Branca

Me criticam...

Mas na sua ignorância se esquecem que também são negros...

Diante do sol que os aquece, diante do Deus que os acolhe...

Seus ritmos, seus compassos, são a pura negritude

Enraizada em suas veias, que pulsam e gritam publicamente,

O clamor do negro escravo, que morreu pela liberdade.

Seus costumes são negros, seus afazeres são negros,

Até seus olhos e suas peles, apesar de azuis-verdes
 E epiderme branca, mas mesmo assim, negam...

Foi liberdade gritando forte que ecoou na África, mãe negra
 E atravessou os continentes e pousou no Brasil, país negro
 E criou a ginga e a benção.

E está até hoje quebrando grilhões de hipocrisia e humilhação.

Abraça homem teu irmão, abraça com amor e carinho
 Pois são uma só corrente...São laços unidos na esperança próxima.

Abraça meu irmão o teu irmão...
 E sigamos para o nosso próprio limiar e cresceremos juntos.

Amém

2.3 Desdobramentos da capoeira: Angola e Regional

2.3.1 Capoeira de Angola

Segundo Areias (1983) essa arma de ataque e defesa que os escravos criaram foi mais tarde batizada com o nome “Capoeira de Angola”. O autor acrescenta que tal nome se deu devido ao mato onde exerciam seus treinos ter este nome.

Já quanto ao sobrenome “de Angola”, Areias (1983, p.17-18) enfatiza:

Acredito ter sido incorporado devido á crença de senhores, autoridades, historiadores e africanistas de serem de Angola os primeiros negros a chegarem ao Brasil e, entre os que aqui se encontravam, serem eles em maior quantidade, bem como de serem os negros de Angola os que mais se davam a esse tipo de prática e brincadeiras “indecorosas”, sendo

considerados de índole festiva e rebelde, como Braz do Amaral: “negros insolentes, loquazes, imaginosos, sem persistência para o trabalho, porém férteis em recursos e manhas. Tinham mania por festa, pelo reluzente e ornamental. Seu pendor para as festas, fertilidade de imaginação e agilidade de corpo eram suficientes para usarem e abusarem dos folguedos já conhecidos e inventarem muitos outros, como é o caso da capoeira”.

Conforme observado, este nome se deu devido a identidade dos negros que vieram de Angola, país africano, e que foram escravizados aqui no Brasil, trazendo consigo uma cultura que mais tarde também seria parte de nossa história.

A capoeira de Angola nasceu nas senzalas sendo, portanto, a primitiva e a primeira a ser inventada. Segundo Mestre Deputado (2011, p.29):

Na sua forma mais profunda de sentimentos e tradições de movimentos que os próprios movimentos, às vezes, os desconhecem, nessa luta psicológica de cada um, num universo quase desconhecido desta nova geração que, talvez na ânsia de fazer não se preocupa em conhecer, olhar, sentir, para depois se permitir caminhar nos caminhos do pai da capoeira angola: Mestre Vicente Ferreira Pastinha, o imortal mestre Pastinha.

Areias (1983) destaca duas formas de manifestações que os senhores e autoridades usavam quando se referiam aos negros, a sua prática da capoeira nas senzalas ou até mesmo no terreiro das casas grandes, nos dias onde lhes eram permitidos diversão. Tais manifestações eram: “as brincadeiras dos negros de Angola”, ou diziam: “os negros estão brincando de Angola”. Daí o nome Capoeira de Angola.

A capoeira de Angola caracterizava-se pela constante inventividade, onde os movimentos eram criados sem nenhum estudo, baseando-se apenas nos movimentos naturais do corpo, no reflexo instintivo e na necessidade de safar-se do opressor. A grande arma da capoeira de Angola revelava-se mais pela defesa que pelo ataque. O seu forte era a espera, a surpresa, a malícia, a manha, a agilidade, a flexibilidade e o reflexo (IDEM, 1983, p.65-66).

Na capoeira de Angola o jogo é rasteiro, cheio de mandinga e surpresas, na qual o jogador usa toda sua malícia para confundir seu adversário. Os capoeiristas cantam, encantam, usam todo o molejo do corpo e quando veem uma oportunidade atacam com um golpe inesperado, porém, sem perder a graça e a magia do jogo.

A sua eficiência estava na astúcia do capoeirista em mostrar-se indefeso e exposto aos ataques do adversário, provocando neste uma superconfiança e displicência, desviando-lhe a atenção para deixá-lo vulnerável aos contragolpes. Os golpes caracterizavam-se, na sua grande maioria, pelos

movimentos desequilibrantes e rasteiros, nos quais o lutador, trabalhando com as mãos e os pés em contato com o chão, pulava como um gato e contorcia-se como uma cobra, esperando o momento oportuno para desferir o bote. Os golpes ligados não existiam, e os hoje traumatizantes e mortais tinham pouca explosão, técnica e velocidade (AREIAS, 1983, p.65-66).

2.3.2 Capoeira Regional

A capoeira Regional foi uma evolução da capoeira de Angola, que aperfeiçoada com novos movimentos obteve características diferentes da capoeira primitiva, o que na época, segundo Darido e Rangel (2005) seriam mais aceitas pela sociedade branca.

Nesse sentido Areias (1983, p.66) também complementa:

Por outro lado, surgiu o mestre Bimba, fundador da primeira escola de capoeira e criador de um novo estilo, que ele chamou de capoeira regional baiana. Filho de batuqueiro famoso no bairro onde morava, mestre Bimba começou a aprender capoeira na estrada da Liberdade, com um africano de nome Bentinho, capitão da Companhia de Navegação Baiana.

Mestre Bimba até hoje é muito famoso não só pela luta onde fora criado, mas também pelo seu método de ensino que permitiu aos alunos uma sequência pedagógica com uma aprendizagem significativa que dá respaldo a uma arte de alto nível.

Ao ser chamado para ir ao Rio de Janeiro apresentar a arte da capoeiragem baiana, mestre Bimba entrou em contato com algumas outras lutas e delas extraiu os elementos que achou interessante aplicar à capoeira. Dessa forma, unindo elementos do batuque e de outras modalidades, inovou a sua arte, dando uma técnica precisa aos movimentos, estudando seu equilíbrio, velocidade e potência. Criou os ataques e defesas agarrados, para momentos em que o capoeirista não tivesse espaço para se movimentar, e desenvolveu a técnica das defesas contra armas e o jogo pelo alto, até então praticado quase que apenas pelo chão. Criou, assim, uma pedagogia de ensino, até então inexistente, e deu à capoeira condições de competir a nível de disputa com qualquer outra luta. Foi a tudo isso que mestre Bimba chamou de capoeira regional baiana, que é nada mais nada menos que uma evolução da capoeira de Angola (AREIAS, 1983, p.67).

Areias (1983, p.68) ressalta que a primeira demonstração dessa arte mais elevada foi em 1936, sendo neste mesmo ano “oficializada pelo governo como instrumento de Educação Física e mestre Bimba recebe da secretaria da educação, saúde e assistência pública uma licença e registro para funcionamento da sua escola como centro de educação física”. Neste sentido, salienta:

Com a sua liberação e o surgimento do mestre Bimba e da capoeira regional, a capoeira ganha objetividade competitiva, status e projeção, porém, perde muito da sua característica de manifestação popular espontânea. Este fato deveu-se, por um lado, à política cultural do então governo, que, a partir da oficialização da capoeira, começou a utilizá-la em seus programas culturais para os turistas, tentando destituí-la de seu passado sociocultural, determinando uma nova ideologia e filosofia para a sua prática. Por outro lado, com o surgimento do mestre Bimba e da criação de sua escola como centro de cultura física e defesa pessoal, elementos de uma camada social mais abastada, dentre estes estudantes, políticos, intelectuais, profissionais liberais, e até militares, começam a praticá-la e, naturalmente, a interferir na sua filosofia, em função de dissociá-la do seu “negro passado”, até então ligado à malandragem e à marginalidade. Dentro deste contexto, alguns mestres, em função de ver a sua arte não mais perseguida e ascendendo socialmente, começam a ceder perante essa nova ideologia que se vai impondo à capoeira (IDEM, 1983, p.68).

O autor ainda acrescenta que com a nova ideologia da capoeira, mestre Bimba só recebia em sua escola aluno com carteira assinada, estudante ou com alguma ocupação reconhecida, visando evitar perigos. Assim, encontravam-se em suas aulas “filhinhos de papai”. Já Darido e Rangel (2005) afirmam que essa era uma forma dos brancos terem mais possibilidades de aprenderem a capoeira do que os negros.

Segundo Darido e Rangel (2005, p.268) “as transformações que a capoeira sofreu ao longo da história são decorrentes de forças internas e externas, tornando-a um interessante meio de conhecermos o processo histórico brasileiro”.

Com as transformações que ocorreram desde a criação desta luta aos dias atuais, nota-se que a capoeira entre altos e baixos foi se integrando na sociedade, compartilhando seus conhecimentos e socializando as diferenças.

2.4 A musicalidade e os instrumentos utilizados na capoeira

Os instrumentos apareceram como parte integrante da capoeira bem depois de sua criação. É a partir destes que a musicalidade ganha vida, som e ritmo para o jogo da capoeira. Música e instrumentos se mesclam formando uma sincronia de tons e percussão que ditam o toque que o capoeirista irá jogar e, naturalmente, dá ao jogo a energia e o molejo com que o corpo solta os movimentos.

Nesse sentido Campos (2001) afirma que os instrumentos são de suma importância para as aulas e apresentações da capoeira, visto que estimulam os movimentos e ditam o ritmo que os alunos devem jogar.

Areias (1983, p.23-24) complementa:

A música, tendo como instrumento-mor o berimbau, servia para dar o toque de aviso da chegada do feitor, determinando, ao mesmo tempo, o ritmo e o andamento da dança. A dança, por sua vez, representada pela ginga, servia para disfarçar a luta, dando-lhe um caráter lúdico e inofensivo e cadenciando, de certa forma, a locomoção e preparação dos ataques e defesas.

Entre os instrumentos mais utilizados na capoeira como o pandeiro, atabaque, agogô, reco-reco e caxixi, o principal, sem dúvida, é o berimbau que coordena a roda e o jogo através de uma vibração mágica.

Segundo Areias (1983) não há dados que mostrem de onde surgiu o berimbau, que é o instrumento mestre da capoeira e nem por quais meios chegou ao Brasil, mas afirma que o mesmo já era utilizado em outras partes do mundo como na África. Para ele, “o som, o ritmo e a cantoria energizam e fazem vibrar o ambiente (p.97) ”.

No entanto, Darido e Rangel (2005, p.272), salientam que “o berimbau chegou no Brasil, pelas mãos dos escravos africanos que vieram para cá traficados para serviços pesados nos engenhos, por volta de 1538, século XVI”. O autor ainda tem uma forma peculiar ao descrever este instrumento, ressaltando que:

Diz a lenda que uma menina saiu a passeio; ao atravessar o córrego de um rio, abaixou-se para beber água com as mãos. No momento em que saciava sua sede, um homem deu-lhe uma pancada na nuca. Ao morrer, seu corpo se converteu na madeira; seus membros, na corda; sua cabeça, na caixa de ressonância e seu espírito, na música dolente e sentimental. (Lenda existente no nordeste da África).

Como observado, é uma lenda que chama a atenção, mesmo porque seu contexto é bem interessante, visto que talvez muitos nunca tenham se quer ouvido falar a respeito.

Para Darido e Rangel (2005) o berimbau é constituído por um pedaço de madeira roliço, por um arame de aço, uma cabaça cortada no fundo e raspada por dentro para deixa-la oca, além da vaqueta (baqueta), caxixi e dobrão, que pode ser uma moeda antiga de cobre ou uma pedra como utilizada atualmente por muitos capoeiristas.

Em outras palavras, porém não distanciando do apontamento de Darido e Rangel, Campos (2001, p.51-52) descreve o berimbau com os seguintes dizeres:

Instrumento de percussão, em formato de arco, retesado por um fio de arame, tendo, na sua extremidade inferior, uma cabaça que funciona como caixa de ressonância. O arame é percutido com uma vareta de madeira, chamada vaqueta, que o tocador segura com a mão direita, juntamente com um caxixi, acentuando o ritmo através de chocalhar e modificando a intensidade do som com a aproximação e afastamento da abertura da cabaça na barriga. A mão esquerda, que segura o arco e a moeda (dobrão), encosta ou afasta do arame com o objetivo de obter os mais variados sons.

Darido e Rangel (2005, p.273) ainda acrescentam existir três tipos de berimbaus que são: o Gunga ou Berra Boi, Médio e Viola.

Gunga ou Berra Boi – berimbau de cabaça grande e som grave, cuja função é marcar o toque base de todos os instrumentos, além de coordenar o ritmo da bateria e do jogo dos capoeiristas. Seu toque é o toque de Angola; um Médio ou Berimbau – berimbau de cabaça de tamanho médio, pouco menor que a do Gunga. Produz som médio grave e tem o toque inverso do toque de Gunga. Seu toque é São Bento Pequeno; um Viola – berimbau de cabaça menor, produz som agudo e tem a função de solo e improviso. Seu toque é o de São Bento Grande.

São esses três tipos de berimbaus que junto com outros instrumentos formam a bateria da capoeira, e conforme o que é tocado, determinam o tipo de jogo que os capoeiristas devem fazer. São vários os toques existentes na capoeira, porém, de acordo com Campos (2001, p.132) os mais usados são: “São Bento Grande, Banguela, Angola, Amazonas, Cavalaria e lúna”. O mesmo ainda acrescenta que “a capoeira é uma atividade física riquíssima em movimento e ritmo. O capoeirista precisa ter um ritmo bastante apurado para poder jogar nos diversos toques de berimbau”.

Para Areias (1983, p.92-93) há vários tipos de jogos, no entanto variam de acordo com o estilo angola e regional. Nesse sentido o autor faz referência de alguns jogos como:

- jogo solto ou de exibição, regido pelo toque de são bento pequeno [...] tem como objetivo exibir sua técnica, agilidade e reflexo.
- jogo regional ou jogo duro, comandado pelo toque de são bento grande [...] objetivo é a derrota do adversário através de golpes explosivos e traumatizantes.
- jogo de dentro ou de angola, regido pelo toque de banguela ou angola, onde a principal intenção é a competição[...]
- jogo de “apanha a laranja no chão tico-tico”, comandado pelo toque do mesmo nome [...]É um jogo lindo e engraçado, porém perigosíssimo, pois um dos capoeiristas pode receber um golpe fatal na região da face.
- jogo bonito ou acrobático, regido pelo toque de amazonas, onde o objetivo dos capoeiristas, mesmo competindo, é mostrar o domínio corporal [...]

- jogo de lúna, comandado pelo toque do mesmo nome e executado por mestres e formados. Este é o jogo do prazer, do respeito, da conversa e da brincadeira [...] em momento de inimizade, falsidade e desrespeito, o jogo da morte.

A capoeira em meio a tanta beleza e magia, como observado, também é composta por alto perigo que podem causar danos na vida do indivíduo que a pratica, por isso a necessidade de muitos treinos, não só por meios práticos como teóricos e momentos de observação, para aperfeiçoar o corpo, a mente, o equilíbrio e o raciocínio.

Todavia, o jogo da capoeira não é feito apenas a partir do toque dos instrumentos, mas das cantigas que são cantadas por um dos capoeiristas, com a ajuda do coro, na qual os demais respondem um determinado verso que dá vida a música, exalando e expressando sentimento. Nesta linha de pensamento Areias (1983, p.98) ressalta:

A música é executada por todos os capoeiristas participantes da roda, que se revezam. Não existem pessoas específicas para cantar, tocar ou jogar. Todos fazem tudo ao mesmo tempo. E o capoeirista que se preza tem que possuir todos esses requisitos.

Desta forma, percebe-se que a música é a alma da capoeira, pois esta transmite a emoção que o capoeirista está sentindo no momento, expressando desde sua tristeza, decepção, felicidade, esperança, luta, conquista, até gratidão. Areias (1983, p.98) descreve esta sensação da seguinte forma: “A música na capoeira é de fundamental importância, pois tem a função de determinar o ritmo e o andamento do jogo, excitar e concentrar o capoeirista e de ser para ele uma forma de liberação, expressão e manifestação”. Campos (2001, p.132) complementa dizendo que “o aprendizado passa a ser completo por possibilitar a experiência pessoal em todos os momentos da grande “roda”.

A musicalidade, os instrumentos, o jogo, os capoeiristas, ambos se misturam e se completam.

O verdadeiro capoeirista é um poeta que apenas faz rimas bonitas ou um filósofo querendo derramar verdades absolutas, mas um poeta e um filósofo que, numa palavra ou numa frase, simplesmente, expressa a verdade dos seus sentimentos, relacionando-os com a realidade e as fantasias da vida. Assim foi mestre Pastinha, o poeta dos poetas da capoeira, assim é o mestre

Leopoldina, o mestre no jogo de cintura da arte de viver, tendo como companheira e mestra a sua vivência na arte da capoeiragem (AREIAS, 1983, p.98-99).

A capoeira é linda em todas as suas formas de ser e se expressar, sendo o capoeirista intenso e seu coração guiado pelo ritmo do berimbau.

2.5 Batizado de capoeira

O batizado é um ritual para iniciar o aluno no mundo da capoeira. Depois de um determinado período treinando, o aluno finalmente chega ao dia tão esperado, a tão sonhada graduação, onde ele irá jogar com um mestre que lhe dará um tombo, efetivando assim, sua iniciação para a capoeiragem.

Perante a plateia que superlota a academia nesses dias e os colegas, ele jamais poderá cair de qualquer jeito. Então, tentando manter-se em pé o máximo de tempo durante o jogo, e, no momento da queda, que ele nunca sabe quando se dará, precisa cair dignamente, sem deixar o corpo tocar o solo, a não ser os pés e as mãos, e estar pronto para começar tudo de novo, como se tivesse levado apenas um escorregão. Daí pra frente, o praticante jamais poderá ficar vulnerável nas quedas, e carregará sempre consigo um dos primeiros lemas da capoeira: “O capoeirista não cai, simplesmente escorrega” (AREIAS, 1983, p.104).

A sensação deste momento é única e indescritível, é uma mistura de sentimentos onde o aluno lembrará para sempre do seu primeiro tombo e a partir daí, continuará os treinos a fim de desenvolver maiores habilidades, competências e aptidões para a capoeira.

Desta forma, Barros (2012, p.189) complementa:

Historicamente, era um momento de grande emoção para o aluno, pois se tratava – e ainda hoje, por vezes, trata-se – de jogar capoeira pela primeira vez em uma roda animada pelo berimbau. Portanto, é um momento de grande significado para o aluno: depois de aprender a gingar, a dar cambalhotas e a fazer estrelas, encontra-se apto a receber uma rasteira que simboliza a capacidade de se erguer sempre após uma queda, na roda de capoeira ou na vida.

Uma das coisas que vale ressaltar é essa relação da capoeira com a vida, já que para ambas há um começo, assim como um desenvolvimento, troca de conhecimentos, interação e socialização. Cabe também dar respaldo a essa simbolização da rasteira com as quedas que levamos da vida, na qual a capoeira

ensina os altos e baixos, no entanto, sempre se levantar independente o tamanho da queda.

Para Barros (2012) o batismo por ser um rito de passagem que está presente em vários grupos e na capoeira não poderia ser diferente. Do mesmo modo que determinada iniciação se dá em universidades e até nas Forças Armadas, a capoeira também se apoiou a tal método, iniciando as pessoas a participar de interesses em comum que um conjunto de indivíduos possui.

Areias (1983) acrescenta que o mestre por já ter maior conhecimento a respeito dessa arte, deve jogar com o aluno mostrando perfeição e beleza e jamais querer competir com ele, visto que o aluno ainda está iniciando este caminho e tem muito a aprender, mesmo porque o mestre deve mostrar humildade em suas atitudes e palavras.

Dando continuidade, a cerimônia não acaba quando todos os iniciantes são batizados, segundo Barros (2012) a festa ainda conta com a participação de outros alunos que trocam suas graduações, dando assim, prosseguimento ao crescimento dentro dessa arte.

Areias (1983) enfatiza que após a queda, o mestre parabeniza o aluno, dando-lhe um abraço juntamente com algumas orientações e em seguida, coloca a corda na cintura do aluno inserindo-o para a próxima fase.

O batizado ganha um toque todo especial com a roda dos visitantes e o mestre que dá a cerimônia uma vibração de energias positivas, visto que o conhecimento passado ao ver outros capoeiristas reunidos em uma só bandeira, a da capoeira, é gratificante.

Depois que todos os alunos já foram batizados, vem a roda dos quilombolas, dos libertos, dos formados e, por fim, a roda dos mestres, o êxtase da festa, onde a vibração, a beleza e o prazer emanam por todos os poros dos capoeiristas presentes (AREIAS, 1983, p.104).

Conforme o aluno vai adquirindo conhecimentos e mais experiências aleatoriamente, as responsabilidades vão surgindo e com ele o amadurecimento, moldando meninos e meninas em homens e mulheres treinados para lidar com diferentes situações na roda de capoeira assim como as dificuldades da vida.

Barros (2012) afirma que “Assim é o batizado na capoeira, uma festa de integração de alunos e mestres! ”.

CAPÍTULO III

3 CAPOEIRA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO

3.1 Capoeira institucionalizada

Após anos de luta, finalmente a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) reconheceu a capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, fortalecendo sua identidade que até a década de 1930 foi marginalizada e ainda conforme apresentado na pesquisa feita ao site GGN, Ana Cristina Wanzeler, ministra interina da Cultura que acompanhou a votação em Paris, destacou que “o reconhecimento da roda de capoeira pela Unesco é uma conquista muito importante para a cultura brasileira. A capoeira tem raízes africanas que devem ser cada vez mais valorizadas por nós”.

Para Jurema Machado, presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que segundo o site Governo do Brasil “é uma instituição federal vinculada ao Ministério da Cultura, responsável por preservar, divulgar e fiscalizar os bens culturais brasileiros, além de garantir a utilização desses bens pela atual e futuras gerações”, garante mais respaldo ao governo para apoiar iniciativas de preservação. A mesma afirma no site da GGN que “o reconhecimento representa um tributo à capoeira como manifestação cultural importante que durante séculos foi criminalizada, além de dar visibilidade internacional”.

Para Columá e Chaves (2017) a capoeira passou por uma ressignificação, enquadrando-se ao universo esportista, fazendo com que sua manifestação cultural fosse vista como prática competitiva, modificando sua figura folclórica e ganhando estereótipo de atleta e desportista.

Ainda de acordo com os autores (2017, p.25):

Com o passar dos tempos, a capoeira passa a ser utilizada também como ferramenta pedagógica, ensinada em escolas e universidades, com propostas para transformá-la em ensino obrigatório nas escolas. Atualmente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) inseriram a capoeira como conteúdo a ser trabalhado nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental, cabendo aos professores dessa disciplina proporcionar sua vivência junto aos alunos.

A capoeira é sem dúvida uma excelente atividade física trabalhada na disciplina de Educação Física, dispendo de entusiasmo e pleno interesse dos alunos pela sua prática, visando o método lúdico e interativo da qual é ensinada.

A capoeira é, por excelência, uma atividade física bem ajustada à nossa cultura. A propósito, a primeira iniciativa da capoeira como ginástica aparece em 1907 com o opúsculo intitulado “O Guia da Capoeira ou Ginástica Brasileira” de ODC e, em seguida, Inezil Penna Marinho a conceituou como Ginástica Brasileira. Além disso, o famoso Mestre Bimba, em sua Academia de Capoeira que, inclusive, foi a primeira do Brasil, afirmava reforçando, que a Capoeira, por si só, era uma excelente forma de ginástica (CAMPOS, 2001, p.29).

Columá e Chaves (2017) ressaltam que “a capoeira pode ser ensinada em diferentes espaços por mestres, contramestres, professores e instrutores formados na oralidade e vivências tradicionais”. Desta forma, tanto a escola como educandos e a comunidade em si tendem a ganhar de forma geral com sua transmissão de saberes.

Campos (2001) salienta seu valor na Educação Física, por ser o jogo, o meio da qual o capoeirista desenvolve suas habilidades, mostrando seu potencial e ultrapassando seus limites, vencendo dessa forma os próprios medos, necessitando aí o condicionamento físico, técnico e tático para execução dos movimentos e participação em suas variadas formas de manifestação.

Na sua riqueza de movimentos, a coordenação, o equilíbrio, a velocidade, a destreza, a agilidade, a flexibilidade e a resistência são postos a toda a prova, sendo que essas qualidades físicas são trabalhadas e desenvolvidas em permanente movimentação (IDEM, 2001, p.29).

Segundo Columá e Chaves (2017, p.26-27) abarcando vários autores, complementam reforçando que esta deve ser trabalhada abrangendo toda sua riqueza e sem desmembrá-la da história, ainda acrescenta que “a educação física brasileira precisa, assim, resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou”.

Tanto Columá e Chaves (2017, p.27) quanto os PCNs (1998 apud DARIDO e RANGEL, 2005, p.277) enfatizam que a capoeira deve ser abordada pelas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, haja vista que:

Para educar é preciso ajudar o indivíduo a crescer conhecendo o seu mundo, mas para conhece-lo é preciso conhecer a si próprio. Nossos alunos devem, além de aprender a lutar, jogar e dominar os conhecimentos técnicos da modalidade, aprender a capacidade do olhar interior, agregando autoconhecimento e, conseqüentemente, reflexões acerca dos conteúdos lecionados e de sua aplicabilidade (COLUMÁ E CHAVES, 2017, p. 31).

Nesta perspectiva Darido e Rangel (2005, p.278) acrescentam que “a origem dessa manifestação pode ser incluída pelos professores de Educação Física na escola, propiciando aos alunos os conhecimentos, as vivências e a aquisição de valores referentes à diversidade cultural”.

Dessa forma, o que se observa é uma cultura englobada dentro de um esporte que passa para o aluno, conhecimentos desde conceitos e técnicas a valores das quais nos deparamos no decorrer da vida humana.

3.2 Influências pedagógicas da capoeira no processo de ensino aprendizagem

A capoeira possui um repertório de atividades com uma riqueza mútua de conteúdo, indo além de uma aprendizagem mecanizada, passando pelas salas de aulas e deixando-se transparecer para toda sociedade.

Campos (2001, p.23) afirma que a capoeira ajuda na formação integral do aluno, pois ela “atua de maneira direta e indireta sobre todos os aspectos cognitivos, afetivo e motor”. O autor acrescenta que esta atuação pode ser contemplada de várias formas, propiciando ao aluno o entendimento de cada aspecto ao modo com que é abordada, dando-lhe a liberdade de praticar o que melhor se identificar.

Capoeira luta – [...] Deverá ser ministrada com o objetivo de capoeira combate e de defesa.

Capoeira dança e arte – A arte se faz presente através da música, ritmo, canto, instrumento, expressão corporal, criatividade de movimentos [...] Na dança, [...] desenvolvendo flexibilidade, agilidade, destreza, equilíbrio e coordenação em busca da coreografia e satisfação pessoal.

Capoeira folclore – É uma expressão popular que faz parte da cultura brasileira que deve ser preservada [...].

Capoeira esporte – [...] ela mesma deverá ter um enfoque especial para competição, estabelecendo-se treinamentos físicos, técnicos e táticos.

Capoeira educação – Apresenta-se como um elemento importantíssimo para a formação integral do aluno, desenvolvendo o físico, o caráter, a personalidade, e influenciando nas mudanças de comportamento. Proporciona, ainda, um autoconhecimento e uma análise crítica das suas potencialidade e limites. Na educação especial, a capoeira encontra campo frutífero junto aos deficientes e excepcionais.

Capoeira como lazer – Como prática não formal [...].

Capoeira filosofia de vida – [...] criando uma filosofia própria de vida, tendo a capoeira como elemento símbolo, e até mesmo usando-a para sua sobrevivência (IDEM, 2001, p.23-24).

A cada tópico a capoeira é estudada, praticada e passada de uma determinada forma, respeitando a particularidade e faixa etária do aluno, devendo ser ensinada globalizadamente. Segundo Campos (2001, p.24) “cabe ao professor um papel relevante, orientando e estimulando para que o aluno possa aproveitar ao máximo toda a sua potencialidade”.

O mesmo visa à relação professor-aluno, que conta tanto no encorajamento quanto na realização das tarefas, além de proporcionar um acréscimo na autoestima e incentivo na conduta de comportamentos, por isso se faz importante o educando buscar sua identificação, podendo dispor do auxílio e confiança que o professor tende a transmitir.

Seguindo essa linha de pensamento Columá e Chaves (2012) abordam a questão do diálogo no espaço educacional, visando uma relação de intimidade e liberdade, a qual estabelecerá ao aluno um vínculo de segurança e autonomia que os ajudarão a resolver, enfrentar e superar os obstáculos existentes mundo afora.

Neste sentido Campos (2001, p.27) salienta:

Cabe ao professor estimular constantemente esta prática, oportunizando aos alunos vivenciarem todos os momentos de uma aula ou “roda” de capoeira. Vale ressaltar a criação de grupos folclóricos e de equipes representativas com a finalidade de se apresentarem em festivais e competições.

Columá e Chaves (2017) ainda acrescentam a importância de dar voz as crianças, para que se possa saber o que as mesmas estão sentindo, precisando, entendendo e querendo, para que assim, possamos compreendê-las e melhor orientá-las.

Entretanto Campos (2001, p.29) enfatiza que “num contexto bem amplo, afirmamos que a capoeira é uma excelente atividade física, pois envolve de uma forma magistral todos os músculos do corpo as articulações e as grandes funções, destacando-se o aparelho cardiovascular e o cardiopulmonar”.

3.3 Benefícios da capoeira na educação

A educação até mesmo pelo fato de ser um caminho sem precedentes para a formação de cidadãos deve ou ao menos deveria fazer uso de todos os recursos possíveis para seu aprimoramento, certo de que mais que papel e caneta em mãos, os alunos também pedem por mudanças, inovação e estratégias das quais lhe sejam significativas, já que a capoeira, neste âmbito, só vem complementar ainda mais não só o currículo escolar, como o enriquecimento da grade de componentes educacionais que trabalham em prol de um único objetivo, formar o aluno para a vida.

Neste sentido Columá e Chaves (2017, p.31) ressaltam:

Conhecer a história e sua filosofia, vivenciando seus valores tanto na prática ritual quanto na sua vida cotidiana, contribui para a formação de bons capoeiristas e excelentes indivíduos. Esperamos, sim, que alguns alcancem altos níveis de rendimento, porém nosso desafio maior é proporcionar, a partir do ensino da capoeira, a formação cidadã e educacional que em muitos momentos é insuficiente devido a vários fatores extrínsecos e intrínsecos na sociedade contemporânea.

Desta forma, a capoeira na educação contribui para um bem maior, visto que a sociedade contemporânea está a cada dia inovando seus métodos de aprendizagem, e mesmo que esta não seja um tema atual, ela está se modificando e crescendo com o tempo, no entanto sem abandonar suas origens, embora que muitos as vezes se esqueçam de onde ela veio e com qual propósito foi criada.

Entre tantos fatores, seus benefícios são múltiplos e de acordo com Campos (2001, p.29):

Ela desenvolve as qualidades físicas de base, atuando com eficácia na melhora da condição geral, desenvolvendo sobremaneira os sistemas aeróbico e muscular. Tem influência direta no aspecto cognitivo, estimulando a coragem, a autoconfiança, a cooperação, a formação do caráter e da personalidade.

Barros (2012, p.48) acrescenta afirmando que seus benefícios inserem “tanto o caráter cognitivo e afetivo-social quanto o caráter psicomotor”.

Já para Columá e Chaves (2017) os autores complementam ao falar do papel da capoeira como algo bem além de se ter bons jogadores nesta modalidade, dando ênfase a aquisição do autoconhecimento e potencial que descobrem ao longo do caminho, fazendo jus a aprendizagens de valores e atitudes que se tem como resultado autonomia e o espírito de solidariedade.

Embora sua prática por vezes seja desvalorizada, discriminada e posto a marginalização, devido muitos capoeiristas fazerem um mau uso da mesma, sujando o nome da capoeira com atos e ações negativas, outros lutam pela sua valorização e significância, inclusão e permanência dentro e fora do âmbito educacional. Desta forma, uma vez exercida na escola, ela só tem a contribuir com a Educação.

Todos os movimentos dos capoeiristas têm um objetivo definido, quer seja de atacar, defender ou recuperar o equilíbrio, criando uma situação nova que lhe possibilite aplicar um golpe com precisão. Para que isso aconteça, fatores importantíssimos como a percepção, a noção de distância, a lateralidade, o ritmo, a velocidade, o reflexo e a coragem interagem neste complexo que é o jogo de capoeira (CAMPOS, 2001, p.29).

A capoeira requer também, todo um preparo do corpo do aluno, para que se possa obter mais facilidade para executar movimentos. Visando que este ou qualquer outro esporte possa causar danos prejudiciais à saúde se não feito com responsabilidade. Tais preparos ocorrem por meio de exercícios que fortalecem e revitalizam os músculos.

Dessa forma Campos (2001, p.99) enfatiza que “os dois componentes realmente importantes na flexibilidade são a elasticidade muscular e a mobilidade articular, sendo que estes não trabalham separadamente e um depende do outro”. O autor acrescenta:

Na capoeira, a flexibilidade e o alongamento tornam-se imprescindíveis porque estão presentes praticamente em todos os movimentos e golpes. Estas qualidades físicas devem ser desenvolvidas e treinadas, principalmente pelas crianças, o que possibilitará um melhor aprendizado, a noção de limites do próprio corpo e uma melhor consciência corporal, evitando possíveis acidentes musculares e articulares (IDEM, 2001, p.99).

Esses fatores que consistem no esquema corporal fazem toda diferença na hora de praticar esta modalidade, mesmo porque os educandos estarão tomando ciência de si próprio, treinando, sentindo e se conhecendo.

Segundo Campos (2001, p.99) um dos meios mais eficazes para adquirir tais habilidades de flexibilidade e alongamento, é a prática da capoeira que envolve o capoeirista de forma completa possibilitando a aquisição de elasticidade muscular, juntamente com a mobilidade articular. O mesmo complementa que “por isso que podemos afirmar a importância e a contribuição da capoeira como uma atividade

capaz de desenvolver a flexibilidade de maneira eficaz e de uma forma bastante natural e até espontânea”.

Nesta perspectiva Columá e Chaves (2017, p.38) afirma:

A utilização da parte do corpo mostra-nos, por exemplo, como a ginga, o samba e, no caso do Rio de Janeiro, o funk tem uma possibilidade maior de estar incorporada a gestualidade do carioca (seja pelos estereótipos ou pelas oportunidades de conviver com essa cultura). O extremo equilíbrio e consciência das baianas que carregam o seu tabuleiro de doces na cabeça, ou os milímetros de distância que controlam os golpes e os separam do corpo do outro, fazendo do jogo de capoeira um espaço amistoso e ao mesmo tempo perigoso.

Além de ser flexível e possuir um alongamento preciso, a força também se faz presente na capoeira, pois os mais diversos golpes necessitam de segurança para serem feitos. A força é uma capacidade escondida dentro do ser humano, que ao ser desenvolvida e posta em prática, faz-se visível diante de ações que exijam tal esforço.

Nesse sentido, Campos (2001, p.105) ressalta que “a resistência de força tem um emprego puramente anaeróbico e a força máxima praticamente não existe, uma vez que não é necessária”. Dessa forma, visto que nem tudo na vida trata-se de força física, o mesmo ainda afirma que “o importante é o emprego da força geral, para atuar no desenvolvimento integral e multilateral, utilizando-se o peso do próprio corpo, as atividades naturais e as bolas de medicenebol”.

Pode-se adquirir força através da prática sistemática da capoeira, devido aos inúmeros saltos e saltitos, e também em decorrência da movimentação entre o jogo do chão e o jogo alto, onde o praticante trabalha a força, saindo do plano baixo para o alto, em movimentos rápidos e potentes (IDEM, 2001, p.105).

Outro ponto destacado na capoeira é a agilidade, que ao desenvolver algumas técnicas de movimento, o aluno passa a dominar uma determinada potência que dá a ele rapidez ao fazer o golpe.

De acordo com Campos (2001, p.111) “a capoeira, por si só, é uma atividade de agilidade, considerando-se a sua história, mandinga e filosofia, na qual estão intrínsecos os movimentos com liberdade”.

Conforme Campos (2001, p.115-116) apresenta, a velocidade é parte da capoeira, sendo elas variadas: “velocidade de reação; velocidade de movimentos

acíclicos; velocidade de movimentos cíclicos e velocidade de segmentos”. O autor ainda complementa que este fator “é muito importante, principalmente para ser usado nos golpes, esquivas, ataques e defesas, sendo que a velocidade de reação, através do estímulo visual, é a mais intensamente desenvolvida”.

A rapidez dos golpes, na capoeira, exige do oponente uma velocidade de reação bastante eficaz, aprimorando, desta forma, o reflexo. Sendo a capoeira uma atividade eminentemente de movimentos acíclicos, torna-se deveras interessante, uma vez que solicita de seu praticante movimentos variados dos segmentos em todas as direções, acompanhados de um alto grau de coordenação (IDEM, 2001, p.116).

Já quanto ao equilíbrio, que se sustenta sob determinada base para aplicar um golpe de capoeira, dispõe-se de constante treinamento e concentração naquilo que está fazendo. Neste sentido Campos (2001, p.121) aponta três tipos de equilíbrio:

Equilíbrio dinâmico: é o equilíbrio em movimento, sendo conseguido em vários esportes.

Equilíbrio estático: é o tipo de equilíbrio onde não existe movimento, sendo conseguido através de uma determinada posição. É muito usado na ginástica e na capoeira, como forma de treinamento.

Equilíbrio recuperado: é a recuperação do equilíbrio em uma posição qualquer de se estar, durante um tempo fora do solo. Na capoeira, esta valência é por demais usada, devido à grande movimentação dos saltos e aos momentos de destreza.

Seguindo tais parâmetros Barros (2012) destaca um golpe como exemplo, podendo ter melhor compreensão a cada tipo de equilíbrio, sendo este a Ginga, para o dinâmico; a Bananeira, no estático e o Aú, para o equilíbrio recuperado.

Obter equilíbrio é bem mais que adquirir competência corporal, tanto a mente quanto as ações do dia a dia necessitam de harmonia para uma boa saúde e a escola, mais que disciplinas curriculares, tem o poder de mostrar aos educandos caminhos que lhes são propícios e que os ajudam a manter essa mesma simetria em suas vidas além dos muros escolares.

Aborda-se não só na capoeira como em outros esportes, a coordenação à qual é fundamental na aquisição de habilidades básicas e conforme amadurecimento torna-se simples e precisos a articulação de movimentos.

Esta, por sua vez, é um dos fatores que fazem parte da psicomotricidade, que segundo Columá e Chaves (2017, p.33) se apresenta como “um campo de

conhecimento e intervenção que conjuga diferentes saberes para lidar com o homem em movimento, em sua relação consigo e com o outro, em uma totalidade indivisível”.

Trazemos a contribuição desse olhar para o movimento, pois ainda perdura na educação física e nos esportes uma tradição psicofísica, desenvolver o corpo para fazer bem a mente. O movimento não atende somente a uma exigência mecanicista, ele é linguagem por excelência. Percebemos isso de forma muito clara quando observamos a comunicação como mundo da criança que ainda não desenvolveu a linguagem verbal (COLUMA E CHAVES, 2017, p.33).

Segundo Campos (2001, p.125) fatores como força, velocidade, mobilidade e resistência, possuem influências significativas na coordenação, aderindo a efeitos tais como: “melhoria técnica; menor gasto energético; melhoria da performance; maior eficiência e melhor recuperação durante o período de repouso”.

Para Columá e Chaves (2017, p.52) a coordenação deve ser trabalhada de maneira global, de forma que partam de “propostas simples para complexas e do movimento geral para o específico e dissociado”.

Na capoeira, esta coordenação adentra além dos golpes, no toque do berimbau e demais instrumentos, assim como também se usa por vários motivos no cotidiano.

Com a prática da capoeira, pode-se melhorar e desenvolver a coordenação, principalmente por ser um jogo onde os oponentes se utilizam de destreza e criatividade sem uma sequência determinada, exigindo, sobremaneira, reflexos aprimorados e movimentos coordenados (CAMPOS, 2001, P.125).

Percebe-se que são inúmeros os benefícios dessa modalidade que se aplicada dentro da educação, promove melhorias tão somente a sua aprendizagem de forma geral como na qualidade de vida do educando.

Uma vez que a capoeira faz relação com a vida tanto pessoal quanto profissional, a mesma fortalece vínculos de amizades, interação com os colegas a sua volta, socialização com as diferentes culturas, ensina a superar os obstáculos, acreditar no potencial e principalmente a construir um caráter digno e honesto de um bom cidadão.

A modalidade apresenta elementos que a destaca de outras atividades físicas, pois envolve dança, luta, cânticos, jogo, música etc., proporcionando objetivos diversos: promoção da saúde física e mental; desenvolvimento; socialização; comportamento; prazer etc (COLUMÁ e CHAVES, 2017, p.27).

A capoeira, pela sua vasta riqueza, é uma possibilidade no campo educacional que se torna viável na construção de uma Educação de qualidade, haja saber que segundo Barros (2012, p.21):

Não podemos deixar o nosso lado humano sensível de lado por causa do profissionalismo e, igualmente, não precisamos abandonar as qualidades e habilidades de profissional para ser mais humanos. Uma não deve anular a outra e nem se sobrepor a outra. Ou seja, não podemos fazer nossos alunos seguirem os nossos passos impondo caminhos e, sim, caminhar lado a lado contribuindo para um mundo melhor em que os valores que constroem o ser humano estarão cada vez mais presentes e evidentes em nossa realidade. Sendo assim, é fazer de cada passo um aprendizado.

Barros (2012) ainda acrescenta que esta modalidade na educação deve preparar o educando para o hoje e o amanhã.

3.4 Método usado para trabalhar com a capoeira

A ludicidade é uma característica na qual a capoeira é trabalhada, que através de brincadeiras; dinâmicas; jogos e atrativos, adquire a atenção; entusiasmo e curiosidade do aluno para a aula. Neste sentido, Barros (2012, p.31) salienta:

Convém ressaltar que para o aluno aprender ainda é necessário que ele tenha interesse, vontade, intenção em aprender, em outras palavras, resume-se no querer do aluno. Do contrário, nada que o educador fizer será o suficiente para que ele aprenda.

Tendo em vista que o lúdico não quer dizer “aula livre” ou até mesmo “fiquem à vontade e façam o que quiser”, a abordagem da brincadeira na educação precisa ser vista como significativa, na qual ajude no aprendizado do aluno, tirando a partir desta, conhecimentos sobre o conteúdo do assunto abordado e até mesmo lições de vida. Neste sentido a capoeira vem em alta escala, propiciar ao educando uma aprendizagem rica de conceitos e valores, por meio da diversão e interação com o meio e o sujeito.

Desse modo, por meio da brincadeira, a criança será estimulada a desenvolver tanto as relações sociais consigo mesma quanto com os colegas, além de fazer a sua leitura de mundo, o que promove o amadurecimento, prepara o aluno para enfrentar desafios e ampliar horizontes no presente e no futuro (BARROS, 2012, p.44).

3.4.1 Atividades lúdicas aplicadas no ensino da capoeira

No intuito de alcançar a aprendizagem ampla, tirando o máximo de proveito da aula, Columá e Chaves (2017) apresentam algumas atividades como:

1. Capoeira vivo, morto e torto

É desenvolvida para faixa etária de quatro a seis anos, tendo como objetivo as variações do jogo da capoeira no ato de abaixar, levantar e ir para o lado. Esta brincadeira é embalada ao toque do berimbau, na qual é determinada um movimento para cada palavra. O aluno que errar conduz a atividade que se prossegue enquanto os participantes estiverem motivados.

Nesta, as bases psicomotoras envolvidas são: “tônus, esquema corporal, percepção espaço temporal, lateralidade, ritmo e equilíbrio (p.56) ”.

2. Qual é o golpe

Esta atividade contempla o exercício de memorização, atenção e integração com os demais participantes; e também desenvolvida para crianças de quatro a seis anos. Ela é executada através de círculos, onde cada aluno permanece falando o nome de um movimento, ao mesmo tempo em que o realiza. O participante seguinte tem que repetir o nome e o movimento do colega anterior e acrescentar mais um, assim consecutivamente.

As bases psicomotoras que aqui se encaixam são: “tônus, esquema corporal, percepção espaço temporal (p.59) ”.

3. É o bicho

Um aluno é escolhido para ficar à frente da turma com uma gravura de animal na testa, na qual o mesmo tenta acertar de qual animal se trata. Caso ele erre, a turma fala um movimento que ele terá que executar, caso contrário é a turma que realizará o movimento escolhido pelo aluno da frente. Esta é uma atividade para alunos com faixa etária de sete a nove anos e aborda a expressão corporal, teatralização e descontração diferencial.

Nesta atividade, as bases psicomotoras são: “tônus, equilíbrio, esquema corporal, percepção espaço temporal e coordenação (p.69) ”.

4. Abraço de urso

Esta atividade desenvolvida para crianças de dez a doze anos, estabelece velocidade de membros e agilidade. A mesma trabalha-se em duplas com uma bexiga presa na camisa, que ao comando do professor, que estará tocando berimbau e cantando, o parceiro deverá tentar estourar a bexiga do colega. O aluno que tiver a bexiga estourada, fica ao lado do professor ajudando-o no canto e nas palmas até que reste somente um competidor.

Neste exercício, as bases psicomotoras envolvidas são: “tônus, esquema corporal, lateralidade, percepção espaço temporal, equilíbrio e coordenação (p.87) ”.

Barros (2012) destaca princípios pedagógicos dos quais provêm de orientações para o professor, sendo estas essenciais e amplas para o processo de ensino aprendizagem: ensinar capoeira a todos; ensinar bem capoeira e ensinar mais que capoeira. A partir desses princípios o autor apresenta os objetivos que serão alcançados com a pratica da capoeira:

- Incentivar o ensino da Capoeira para crianças;
- Promover a Capoeira nas escolas;
- Potencializar o desenvolvimento da Capoeira, contribuindo com a melhoria da qualidade de ensino;
- Articular educação, esporte e cultura para que o educando desfrute de uma formação ampla e rica;
- Contribuir para a formação da cidadania do educando;
- Auxiliar no desenvolvimento integral do educando em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social;
- Ampliar e aprofundar o conhecimento do educando sobre capoeira;
- Fortalecer a identidade cultural da população brasileira;
- Fomentar a difusão da cultura brasileira (BARROS, 2012, p.68).

Nesta perspectiva Barros (2012) também nos agracia com exemplos de algumas propostas de suas atividades:

1. Atividade com dado

É uma atividade para crianças do ensino infantil, com objetivos de desenvolver conceitos numéricos e quantidade. Os alunos sentarão em círculos e o professor escolherá alguém para fazer rolamento e estrelinhas. Ao jogar o dado, ele contará quantas vezes terá que realizar os movimentos e assim consecutivamente, até que todas as crianças tenham participado. Em outro momento haverá dois dados na qual o aluno ao jogar-lo terá que terminar de contar um dado, dando continuidade em outro.

2. Atividade com giz

O professor irá desenhar no chão um triângulo, na qual a criança irá trabalhar a ginga, colocando os pés um de cada vez em cada vértice da figura. Esta tem por objetivo aprimorar habilidade de locomoção.

3. Roda de conversa

A partir desta atividade, o professor irá dialogar com as crianças, dando espaço para que ela também fale. Desta forma, o educador possibilita o conhecimento sobre seu aluno além de estreitar laços de amizade. O educador também deixa que a criança fale sobre o que fez no fim de semana e, ainda nesta óptica, segundo Barros (2012, p.84) “no decorrer da aula a conversa com os alunos é essencial, uma vez que possibilita pensar, opinar, resolver problemas, tomar decisões e assumir responsabilidades. ”

4. Alforria

Nesta brincadeira os alunos irão representar os escravos que buscavam por liberdade. O professor esconde uma moeda, que na capoeira é chamada de dobrão, a qual representará o dinheiro. Antes de esconder a moeda o educador faz algumas perguntas a respeito da capoeira. O aluno que encontrar a moeda ganha sua carta de alforria.

Esta atividade tem por objetivo “estimular o interesse pela exploração do espaço em que está inserido; permitir que o aluno se perceba como agente participativo e conhecedor da cultura e história do Brasil (p.135) ”.

Assim como a capoeira possui suas diversidades, as possibilidades de trabalhar com ela no contexto educacional também são múltiplas, dependendo apenas da criatividade e interesse da parte do professor para planejar as atividades com intenção e que sejam significativas no processo de aprendizagem do educando.

Conforme Campos (2001) os professores adaptam a capoeira no contexto escolar de acordo com as disponibilidades de instalação e materiais que lhes são possíveis, levando em conta a faixa etária do educando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho concluiu o quão importante se faz a educação resgatar no âmbito escolar, as variadas culturas existentes no meio social, que além de adquirir uma visão ampla a respeito das diferenças, colabora na tomada de consciência frente à questão do preconceito presente na sociedade.

O mesmo ressaltou a definição da educação e da diversidade cultural de forma global, enfatizando sua essência na formação integral do educando, preparando-os para além de um futuro profissional, visando enfrentar as dificuldades da vida e compreender com exatidão as riquezas que habitam em nosso mundo; aprendendo a admirar outros costumes e tradições, raças e etnias como elas são.

Também deixa claro o quanto é significativo a preservação de uma linhagem que deu origem a outros povos, que se dividiram em distintos hábitos, com identidades específicas de sua cultura, mas que não devem ser discriminadas por suas características.

Para entender melhor e conhecer uma de nossas culturas, a capoeira foi o destaque desta pesquisa que evidenciou seu período histórico, na qual teve um contexto marcado pelo preconceito, discriminação, racismo, dor, luta e superação. Uma época que as pessoas tinham valor pela sua cor, ao passo que, o branco viveu no conforto das casas grandes, os negros sofreram nas senzalas e receberam os mais duros castigos. Um povo que sonhou com a liberdade, teve seu sangue derramado por um chicote e ainda sim, acreditou num amanhã próspero.

Deixando claro que a capoeira é o esporte mais completo que existe, porque trabalha desde seu contexto histórico a sua prática, envolvendo tanto o aspecto físico quanto psicológico, a pesquisa mostrou suas definições e de onde se deu este nome “capoeira”, visto que foi salientado faltas de provas sobre este marco já que os documentos que dariam respaldo à sua origem são inexistentes. Desta forma, os autores apresentam ideias opostas, ao mesmo tempo que concordaram em alguns pontos, onde afirmaram que segundo evidências, este período escravocrata deveria ter sido apagado da história, como se fosse uma mancha no país.

Com o desenvolvimento que esta arte teve ao longo do tempo, a capoeira depois de tantas lutas para sua aceitação, foi finalmente legalizada e passou a ser,

primeiramente, vista com outros olhos e não mais com a de marginalização praticada por animais conforme se descreveu na pesquisa, e segundo levando em consideração seu avanço e evolução, ela teve sua prática voltada para o ensino pedagógico, passando a ser ensinada além de praças, academias, quadras e ruas, mas também em escolas, onde sua contribuição para o processo de ensino aprendizagem é enriquecedora.

A capoeira, reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, foi inserida como conteúdo a ser trabalhada na aula de Educação Física, vindo assim, a fazer parte dos componentes curriculares, que foi usada como ferramenta pedagógica para possibilitar melhorias no desenvolvimento do educando e o ensino da cultura africana, que tem um grande valor histórico no mundo.

Sua inserção na Educação tem influências pedagógicas qualitativas, que trabalham com o aluno de forma lúdica, trazendo o educando para perto do professor e consecutivamente a focar nos estudos, fazendo-os integrarem com o meio e o sujeito à sua volta, enfatizando a socialização, no que concerne o respeito com o próximo e a si mesmo, interesse, curiosidade sobre o assunto, e principalmente, os chama a atenção por sua diversidade, técnica, condicionamento físico, musicalidade, instrumentos, reforça a união e o espírito de solidariedade, responsabilidade e acima de tudo, conhecimento.

O trabalho mostrou que a capoeira, mais que o ensino dos movimentos, é uma educação que confere ao educando aprendizagens para a vida, aos altos e baixos que enfrentamos no decorrer da caminhada, a refletir sobre nossas escolhas, ter consciência dos nossos erros e aprender com eles, a valorizar outras culturas diferentes das quais vivemos, se expressar e crescer sem precisar passar por cima de ninguém.

Desta forma, pudemos compreender seu valor histórico na educação e ter vivências de sua prática, das possibilidades que este esporte, dança, luta, filosofia de vida e arte, conforme expressado na pesquisa, podem ser trabalhadas no espaço escolar, ensinando os alunos por meios de brincadeiras, no entanto, sem se desprender dos objetivos que o mesmo tem a propor.

Entretanto, sabemos que a Educação é essencial na vida do ser humano e que os professores passam por muitos desafios neste meio, porém, ressalto que devido

as mudanças que vem ocorrendo, se vê a necessidade do educador buscar estratégias para aplicar na educação que estejam inseridas no cotidiano do aluno, e assim, trazer a realidade por de trás dos muros escolares para serem vivenciadas e exploradas em salas de aulas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AREIAS, A. das. **O que é capoeira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BARREIROS, Débora, MORGADO, Vânia. Multiculturalismo e o campo do currículo no Brasil – um estudo sobre a multieducação. In: OLIVEIRA, Inês B. de e SGARBI, Paulo (orgs) **Redes culturais: diversidade e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BARROS, K.F. **Capoeira na educação infantil: teoria de ensino e atividades práticas**. São Paulo: Phorte, 2012.

BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL, Ministério da Educação - MEC, Lei de Diretrizes e Base, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 01 abr. 2018.

CAMPOS, H. **Capoeira na escola**. Salvador, BH: EDUFBA, 2001.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Flávio A. e CANDAU, Vera M (orgs) **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COLUMÁ, J.F, CHAVES, S.F. **Capoeira e psicomotricidade: brincando e aprendendo a jogar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

DARIDO, S.C, RANGEL, I.C.A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DEPUTADO, M. **Menino, quem foi seu mestre?** S.L.: s.n., 2011.

FREITAS, F.S. **A diversidade cultural como prática na educação**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

GGN, O jornal de todos os Brasis – Capoeira é patrimônio cultural imaterial da humanidade, 29 de novembro de 2014. Disponível em:

<https://jornalggn.com.br/noticia/capoeira-e-patrimonio-cultural-imaterial-da-humanidade>. Acesso em: 02 ago. 2018.

Governo do Brasil – IPHAN e responsável por preservar divulgar e fiscalizar os bens culturais brasileiros, 24 de novembro de 2009. Disponível em:

<http://www.brasil.gov.br/editoria/cultura/2009/11/iphan-e-responsavel-por-preservar-divulgar-e-fiscalizar-os-bens-culturais-brasileiros>. Acesso em: 02 ago. 2018.

LIMA, A.P. **Capoeira um universo de inspiração**. São Paulo: s.n.,2010.

SILVA, S.F.K, RAMPAZZO, S.R.R, PIASSA, Z.A.C. **A ação docente e a diversidade humana**. São Paulo: Pearson Education, 2010.